

Valdelice Pinheiro

Expressão Poética

de Valdelice Pinheiro

Maria de Lourdes Netto Simões



Este livro foi reimpresso em edição econômica, com o principal objetivo de se prestar *homenagem póstuma* à escritora Valdelice Pinheiro, durante o XII Seminário Nacional e III Internacional da Mulher e da Literatura, e estender o alcance de sua distribuição a um público maior.

Maria de Lourdes Netto Simões

Estagiários de Iniciação Científica: Marley Conceição Santana,
Marivalda Guimarães Sousa, Marcos Aurélio dos Santos Souza, Manoel
Barreto Júnior, Chirley Aragão Fonseca.

Expressão Poética



de Valdelice Pinheiro

2^a edição



Editora da UESC

Ilhéus - BA

2007

© 2007 by MARIA DE LOURDES NETTO SIMÕES

1ª edição 2002

2ª edição 2007

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45650-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (073) 3680-5028 - Fax (073) 3689-1126
http://www.uesc.br e-mail: editus@uesc.br

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

ADEUM HILÁRIO SAUER - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ANTONIO JOAQUIM BASTOS DA SILVA - REITOR
LOURICE HAGE SALUME LESSA - VICE-REITORA

CONSELHO EDITORIAL:

ACÁCIA GOMES PINHO
ALTENIDES CALDEIRA MOREAU
DORIVAL DE FREITAS
FRANCOLINO NETO
HENRIQUE CAMPOS SIMÕES
LURDES BERTOL ROCHA
MARIA DE LOURDES NETTO SIMÕES
MARIA LAURA OLIVEIRA GOMES
NORMA LÚCIA VIDERO VIEIRA SANTOS
REINALDO DA SILVA GRAMACHO
PAULO DOS SANTOS TERRA
SAMUEL MAGÉDO GUIMARÃES
SEBASTIÃO CARLOS FAJARDO

DIRETORA DA EDITUS:

MARIA LUIZA NORA

PROJETO GRÁFICO:

GEORGE PELLEGRINI
CRISTIANO MAIA

CAPA:

GEORGE PELLEGRINI
CRISTIANO MAIA

APOIO:

PIBIC



EQUIPE EDITUS

DIREÇÃO DE POLÍTICA EDITORIAL: Jorge Moreno;
REVISÃO: Maria Luiza Nora;
COORD. DE DIAGRAMAÇÃO: Adriano Lemos;
DESIGNER GRÁFICO: Alencar Júnior.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S593 Simões, Maria de Lourdes Netto.
Expressão poética de Valdelice Pinheiro / Maria de
Lourdes Netto Simões. - 2. ed. - Ilhéus : Editus, 2007.
150p. : il.

ISBN: 978-85-7455-127-2
Bibliografia : p. 145-150.

1. Poesia brasileira - Coletânea. 2. Pinheiro,
Valdelice Soares, 1929-1993 - Biografia. I. Título.

CDD - 869.9108

Ficha catalográfica: Elisabete Passos dos Santos CRB5/533



Eu queria ficar na tua memória, não sei bem como, não sei porque, mas queria ficar. Ficar assim, numa presença indefinida, como o aroma de uma rosa....

Queria ficar na tua memória, mas tão serena, tão imperceptivelmente que não chegasse sequer a perturbar a quietude branca dos teus sonhos...

Queria ficar. Andar na tua recordação tão levemente, como uma folha seca caindo devagar sobre a água do rio...

Queria ficar na tua memória de um modo estranho e suave, meu ser desfeito em música incorpórea e eterna sublimando-se em teu coração num momento de Angelus...

Queria ficar devagarinho, sem que te desses conta, quase sem quebrar tua solidão que também é minha. Ficar assim, como um impreciso convite ao sonho, numa recordação distante, feita de lua, de rosas e de versos.

Sumário

Eu queria ficar na tua memória/ _____ 5

VAL, UMA INSPIRAÇÃO _____ 11

PROCESSO DE UM RESGATE

Ninguém me mande deixar nada,/ _____ 15

Introdução _____ 17

O Projeto _____ 17

Uma interpretação _____ 30

MOSAICO - UMA AUTOBIOGRAFIA

A história é um contínuo/ _____ 41

Da família _____ 43

Da visão de mundo _____ 45

Das vivências _____ 47

Da vida profissional _____ 51

Itabuna _____ 53

POEMAS E RABISCOS

Quero apenas vagar em busca do homem/ ____ 55

Um borrão de cinza/ _____ 57

Minha canção de infância _____ 58

Cyro-ciranda,/ _____ 59

O olho mágico/ _____ 60

Canção de Paz para ninar os homens	61
Descansa, meu amor./	62
Era uma lua/	63
Essas mãos/	64
Eu vim/	65
e o canto que ouvi cantar/	66
Meu corpo/	67
Férias	68
Amanheço espelho/	69
E há de ficar em mim/	70
Como Alfonsina	71
Poema da criação	72
Íntima voz/	73
Poema do adeus	74
O sol,/	75
Angola	76
Entre a inocência/	77
Modelo	78
Eu invento/	79
Viagem	80
Nessas lentas madrugadas/	81
Eu queria que/	82
Como se fosse Ho Chin Min	83
Reportagem	84
Manoel	86

Carnaval _____	87
...buscar-me/ _____	88
Canção para o Camponês _____	89
Rememória _____	90
QUINTAL TROPICAL _____	91
Soltei meus pés/ _____	93
Máxima I _____	94
Sentencio-me/ _____	95
Dão-me cicuta/ _____	96
meus fósforos perdidos,/ _____	97
Os vagalumes dessa noite/ _____	98
Poema de amor para um antigo amado __	99
Um dia,/ _____	100
Suicídio _____	101
Ninho _____	103
Poema para <u>quem será</u> ou é nascido __	104
Dentro do ovo/ _____	105
Chico Passarinho _____	107
Vigília _____	108
Eu esvaí,/ _____	109
Testemunho _____	110
Meu delírio/ _____	111
Ausência _____	112
A árvore e eu _____	113
Na curva desse caminho,/ _____	114

A alma da cigarra/ _____	115
Eu/ _____	116
Para um menino suicida _____	117
Firmino _____	118
Lixo Reciclado _____	119
Pitangas _____	120
Espantalho _____	121
Ser _____	123
Poema 77 _____	124
Epitáfio _____	125

RETOMEMOS

Retomemos _____	127
Retomada _____	136

REFERÊNCIAS

Material produzido para divulgação do Projeto	145
Resultados parciais publicados _____	146
Referências bibliográficas _____	149

Val, uma inspiração...

Convivi com Valdelice Pinheiro desde os tempos da Faculdade de Filosofia de Itabuna. Lia os seus escritos nos mais diversos momentos; com freqüência, nos corredores da antiga FESPI, entre uma aula e outra. Costumava escrever à mão e nos papéis, os mais diversos. Com o seu sorriso meigo, vez por outra mostrava os novos poemas aos amigos. Depois, nem sempre os guardava. Os seus textos espalhavam-se entre nós como sementes de idéias, olhares especialmente sensíveis e transversais da vida. Quando ela morreu, Helena dos Anjos, sua amiga de tantos anos e também professora de Filosofia da UESC, teve o cuidado de reunir a papelada desorganizada e levar para o Centro de Estudos Filosóficos-CEFI. Eram tantos poemas que sequer sabíamos quantos. Além de textos poéticos havia também escritos filosóficos, crônicas, texto para teatro, discursos, correspondências, comentários gerais. Com o conhecimento e a concordância da família, o espólio ficou, assim, sob a guarda do CEF da Universidade Estadual de Santa Cruz, sob a tutela de Helena que,

juntamente com o pessoal do seu Departamento, particularmente Nilton Lavigne, Consuelo Oliveira e Norma Vídero, desenvolveram o projeto A Obra de Valdelice Pinheiro, ordenando o material localizado e organizando-o em pastas com a ajuda dos estagiários Adailson Miranda e Márcio Gledson Ramos.

Uns poucos anos passaram até que propus ao Departamento de Letras e Artes o projeto que resgataria a parte poética dos escritos de Valdelice. Precisava garantir que aquela VOZ não se calasse. Foi assim a idéia desta edição que, desde o início, contou com o total respaldo de Helena; a autorização e o entusiasmo dos familiares de Valdelice (especialmente Heloísa, Davi, Gabi e Nevolanda); e o apoio institucional, assegurado pela sensibilidade de Margarida Fahel (vice-reitora) e Renée Nogueira (reitora).

Com o apoio da UESC e do CNPq, iniciei o projeto, em agosto de 1996, com três estagiários de Iniciação Científica do PIBIC (Marcos Aurélio dos Santos Souza, Manoel Barreto Júnior e Marley Conceição Santana), que trabalharam na fase de recolha e de identificação dos materiais inéditos, e na do trato e estabelecimento dos manuscritos (cerca de 1450). Manoel e Marcos Aurélio concluíram o curso e se engajaram na pós-

graduação. Sucederam-lhes Chirley Aragão Fonseca (IC-UDESC) e Marivalda Guimarães Souza (PIBIC/CNPq). Seguiram-se as fases do estudo crítico e de seleção do *corpus*. Depois a da preparação da edição. A partir de 1998 até a sua conclusão, em agosto de 2000, o Projeto apenas contou com Marley e Marivalda (Mari), incansáveis e entusiastas colaboradoras que, embora com atribuições específicas, participaram de todos os momentos e decisões, desde a definição do *corpus*, até a da estrutura desta edição.

A esses estagiários, o meu agradecimento pelo empenho e pela crença no Projeto; sem vocês, certamente, o livro não seria este. À Helena, guardiã do tesouro, o muito obrigada pelo desprendimento e confiança. E a todos aqueles que, de uma ou outra forma, contribuíram. Mas é para Val, este trabalho, realizado com muito carinho, na esperança da sua aprovação. A força da sua poesia justificou o Projeto. O compromisso da Universidade Estadual de Santa Cruz com a pesquisa e com a memória da cultura regional garantiu esta publicação.

Processos de um resgate



Ninguém me mande deixar nada,
nem me obrigue às construções
convencionais - não quero fazer
parte do passado. Por isso escrevo. A
poesia não fica, a poesia é. Nenhum
poeta fica no que escreve, porque
todo poeta é o que escreve.

INTRODUÇÃO

Poetisa e filósofa, itabunense, Valdelice Soares Pinheiro, falecida em 1993, foi uma das fundadoras da Universidade Estadual de Santa Cruz, instituição cuja editora publica este livro.

A fora textos esparsos em jornais e revistas, ela publicou em vida dois pequenos livros de poesias: *De Dentro de Mim* (1961) e *Pacto* (1977); e dois ensaios: *Ser e Evolução* (1973) e *Retomada* (in: *Revista FESPI*: 1984), atualmente esgotados. No entanto, o material que deixou inédito (a maior parte do que escreveu) exigia tratamento e publicação. Antes de dar início ao Projeto, obtive da família, através do Sr. Gabriel Soares Pinheiro, irmão e inventariante da poetisa, a autorização formal para o acesso ao espólio e o trabalho com o acervo.

O PROJETO

Desenvolvido no Departamento de Letras e Artes da UESC (1996 – 2000), o Projeto do qual resulta esta edição objetivou resgatar os inéditos poéticos de Valdelice Pinheiro, visando a contribuir para a memória cultural da Região Sul da Bahia. A proposta intersubjetiva foi orientada no entendimento da literatura como expressão artística e comunicadora, espaço de inter-relações de saberes, por isso mesmo influenciada e influenciadora da História (Simões: 1999).

A

profusão e a riqueza dos materiais encontrados exigiram, não somente no processo da pesquisa, mas para a definição e apresentação do *corpus* desta edição, a reflexão sobre as **relações** da literatura e sobre as suas **funções** contemporaneamente. No primeiro caso, foi considerada sua tendência dialética e a interrelação de linguagens, na compreensão de que “a criatividade repousa na resposta mais do que nas premissas iniciais e nos materiais brutos” (Jameson: 1994, p. 9-15). No segundo, tivemos em conta as funções da literatura no que concerne à possibilidade de seu deslocamento para novos eixos de associação e funcionalização (Gumbrecht: 1998, p. 317-319) e no que se refere ao seu processo comunicacional (Calvino: 1988).

Tendo em conta essas orientações, a proposta do resgate poético compreendeu, além das questões literárias, a observação de comportamentos éticos, filosóficos e políticos, traduzidos em estratégias discursivas reveladoras do imaginário da poetisa itabunense. Foi tomada a *seqüência: vivência/experiência/ação* (Gumbrecht: 1977) para o escopo do processo metodológico devido à mesma seqüência funcionar como suporte para o que o teórico alemão considera as *funções intencionadas pelo autor* (vivência), que são desencadeadoras dos *procedimentos de produção textual* (experiência), por sua vez provocadoras de *procedimentos de compreensão textual* (ação) (1977, 196). Assim, os procedimentos da produção autoral dos quais resultaram os *esquemas de ação* (estratégias

discursivas do texto) foram reconhecidos como sinalizadores para o estabelecimento dos manuscritos e, depois, para a seleção do *corpus* desta edição.

A metodologia do trabalho foi concebida em apropriação desses princípios pelo seu caráter comunicacional e em atenção ao que o material inédito suscitava. Ao utilizar a referida *seqüência* no processo metodológico, consideramos que as *vivências* e as *experiências* ocorreram no caminhar da vida produtiva da poetisa (relacionando-se ao material poético que produziu). Quanto à *ação*, tivemos em conta não somente o interesse suscitado pela obra (a sua recepção crítica) mas, inclusive, a auto-reflexão autoral. Os *procedimentos de compreensão textual*, ao procurarem identificar, nos inéditos, os *esquemas de ação* (estratégias textuais), buscaram evidenciar a sua capacidade comunicativa. Nesse mister, portanto, os referidos *esquemas* funcionaram como orientadores da interpretação, sinalizando o texto e sugerindo pontes para as *constituições de sentido* possíveis, inclusive norteadores para o tratamento dos textos inéditos manuscritos ou datiloscritos .

Para a execução do Projeto, de forma sucessiva, contei com a colaboração de cinco estagiários de Iniciação Científica. Três do PIBIC/CNPq, nas duas primeiras fases. Três na terceira fase, sendo dois do PIBIC e um da UESC. Duas na última fase: uma do PIBIC e, outra, voluntária.

Primeira fase do projeto: recolha do material

Na primeira fase, a pesquisa foi definida em duas direções: recolha e identificação dos textos publicados e dos textos inéditos. Simultaneamente e com o propósito de complementaridade, levantamento dos dados bio-bibliográficos da poetisa.

A busca dos textos éditos deveu-se à necessidade de conhecimento de toda a produção publicada a fim de que pudessemos identificar os inéditos e delimitar o acervo a ser pesquisado, pois o espólio (onde havia originais manuscritos e datiloscritos) não referia tal distinção.

A fim de identificar os textos publicados, foram realizadas pesquisas em bibliotecas, particulares e públicas, de Itabuna, Ilhéus e cidades circunvizinhas, espaços da vivência da poetisa. Simultaneamente a isso, realizávamos entrevistas, levantando dados sobre a biografia de V.P. e recolhendo junto a parentes e amigos alguns preciosos inéditos, originais dedicados ou especialmente escritos. O fato de se tratar de uma escritora contemporânea, recentemente falecida, facilitou o conhecimento dos dados biográficos e oportunizou entrevistas com pessoas da convivência da poetisa. Afora os já referidos livros, foram identificados oitenta e oito poemas publicados em antologias, jornais e revistas. Visando à sensibilização da comunidade, durante a recolha dos inéditos, concedemos entrevistas através da mídia (rádio, TV e jornais locais); produzimos

material de divulgação do Projeto (*folders* e cartazes), que disponibilizamos na *homepage* da Universidade, distribuímos por escolas, centros de cultura e outros pontos estratégicos da cidade como bancos e correios. Através da campanha “Faça a história acontecer”, recebemos algum material (poemas, crônicas, fotografias, desenhos). Mas o substancial mesmo estava sob a guarda do Centro de Estudos Filosóficos da UESC e responsabilidade da Profa. Helena dos Anjos Souza.

Os materiais recolhidos estavam cuidadosamente reunidos em pastas numeradas, devidamente inventariados, mas aguardavam um tratamento especializado.

O levantamento desse acervo principal (do CEFI) foi realizado, selecionando-se os inéditos considerados poéticos (sentido largo) ou a eles relacionados, dentre os manuscritos e os datiloscritos. Havia poemas, crônicas, entrevistas, desenhos e reflexões sobre a escrita. Feito isso, concentramo-nos nos textos poéticos (poemas, prosa poética, meta-poética). Simultânea e gradativamente, recebíamos peças provenientes de outras fontes, que também cuidadosamente catalogávamos e arquivávamos, inclusive indicando a sua procedência.

Todo esse material foi codificado quanto à sua procedência e especificidade. Feito isso, delimitamos o nosso *corpus* primário em cerca de 1450 peças (escritos, desenhos e fotos); desses, 1196 textos, dentre datiloscritos e manuscritos (esses últimos, a

maior parte). Para garantir a preservação dos originais (que devolvemos à guarda do CEF), fotocopiamos o material a fim de procedermos ao trabalho de estabelecimento do texto.

A diversidade do material recolhido já sinalizava que o nosso olhar teria que se estender para além dos poemas. A expressão poética de Valdelice se faz, também, através de desenhos e fotos. Devido a essa sua diversidade de linguagens, a pesquisa foi orientada para se ocupar da expressão poética de V.P., sua interação e comunicabilidade.

Segunda fase do projeto: estabelecimento do texto inédito manuscrito

Procedemos ao estudo e estabelecimento dos manuscritos, considerando, na sua gênese, as vivências da autora e o momento da escritura do texto, portanto, o seu processo de enunciação. Nesta fase do trato dos manuscritos, entendemos cada variante como um momento único (Duarte: 1995). Catalogamos os manuscritos em ordem alfabética, e os poemas de acordo com o primeiro verso, em virtude de a maior parte não ser titulada. Os cuidados no trato dos manuscritos foram desde a referida catalogação do material ao estabelecimento de cada texto, tendo em conta questões de caligrafia, ortografia; atentando, ainda, para marginais, desenhos, notas, esboços e rasuras ou qualquer outro traço que indicasse uma intenção autoral. Além dessas, as sinalizações de estilo (associações,

figurações, temáticas) e características poemáticas (títulos, versos, ritmos, rimas, aspectos semânticos e morfossintáticos), que contribuíssem para dirimir dúvidas sobre o estabelecimento do texto.

Q suporte (papel) utilizado por V.P. é de toda ordem, na sua maioria folhas de caderno (uns pautados, outros, não). O estado de conservação é razoável. Valdelice escrevia principalmente com caneta. A sua letra, embora miúda, é razoavelmente legível. No entanto, o hábito de escrever tanto no sentido horizontal como em marginais, às vezes riscando e reescrevendo sobre o rasurado, oferece dificuldades ao seu leitor. São poucos os datiloscritos assinados. Há desenhos em quase todos os inéditos, seja como moldura, seja indicando fluxo de raciocínio, seja em relação temática com poemas. Relacionado ao processo criador, há um significativo material sobre reflexão crítica (do qual constatamos uma parte publicada).

A configuração física dos poemas em poucas estrofes de versos curtos, logo se revelou prevalecente.

Muitos deles (poemas) estão relacionados aos desenhos (Valdelice prefere chamar de rabiscos), indicando uma intenção temática; outros aparentam um mero fluxo do pensamento (como aliás a própria poetisa afirma nos textos de reflexão sobre o seu processo criador). A quase totalidade dos materiais não está datada.

Estabelecidos os poemas e os textos de auto-reflexão poética, procedemos à recatologação dos mesmos e revimos a catalogação dos desenhos e das fotos, incluindo os materiais recebidos de outras fontes.

Terceira fase do projeto: estudo crítico dos textos inéditos (manuscritos e datiloscritos)

As modificações que um segundo texto coloca sobre um primeiro são indicativas de um processo criador dialético. O estudo das várias versões que um mesmo texto apresenta considerou as circunstâncias de escritura, possíveis intenções, vozes de V.P. O fato de, na sua maioria, os textos não serem datados, dificultou-nos identificar a última intenção autoral. Assim, para o estudo textual, tomamos como base as matrizes de um poema em suas versões (manuscritas ou datiloscritas), sinalizadas por rasuras, marginálias, traços que, às vezes, expressavam uma preferência.

Nesse entendimento, conferimos autonomia a cada esboço de um manuscrito, na compreensão de que cada versão de um mesmo texto é um momento único, é uma vontade expressa. Realizamos a interpretação crítica, reconhecendo etapas de elaboração que compuseram o texto final, o percurso da reescrita e o entendimento do porquê das alterações e re-elaborações. Isto é, a interpretação das várias versões que compõem a geração do texto definitivo.

Para tal, sempre que o texto sinalizava, tal como fizemos no estabelecimento do manuscrito, foi respeitada a vontade última da autora, dentre as vontades por ela expressadas nas várias versões de um mesmo poema (Duarte: 1995). Nos casos (poucos)

de não identificação por falta de indicativos de sinalização direta (datações, rasuras, marginais), fizemos valer a compreensão leitora (Gumbrecht: 1977), considerando o traço estilístico da poetisa.

Da exaustiva leitura e releitura dos inéditos (manuscritos e datiloscritos), foram identificados 641 poemas e 555 textos poéticos (prosa poética, meta-textos, textos de auto-reflexão). Dos poemas (uns titulados, outros não), alguns deles (121) apresentaram de duas a, até, onze versões (351 versões no total). Outros 290 não apresentaram versões. Identificamos sete poemas escritos em espanhol e outros nove de autoria duvidosa, que foram excluídos do nosso *corpus*. Embora a pesquisa não tivesse caráter quantitativo, essas referências são necessárias para evidenciar o montante do material inédito.

Para o processo de estabelecimento da versão definitiva e suas variantes, convencionamos menções (3,2,1), que conferimos a cada poema estudado. O procedimento referido foi realizado em observação dos aspectos fônicos, semânticos, morfossintáticos, pragmáticos e temáticos (Todorov: 1980). Para efeito da seleção desse *corpus* primário da pesquisa, nos textos com várias versões, onde não foi possível a identificação da vontade expressa do autor por uma delas (seja por datas, marginais, ou outras marcas significativas), foi assumido o mesmo procedimento do estudo das várias versões, isto é, de

considerar a *função intencionada do leitor* (Gumbrecht: 1977); além disso, foi dado privilégio à comunicabilidade da linguagem, seja através da palavra, seja através do desenho (Calvino: 1988).

Imprescindível à pré-seleção do *corpus* desta edição de inéditos, esta etapa de crítica textual cumpriu um objetivo próprio. Cabe aqui esclarecer que os estudos desenvolvidos até esta fase (que inclui textos definitivos e suas versões) integrarão uma posterior edição crítica. Desta edição que aqui apresentamos, somente constam os textos considerados definitivos.

Quarta fase do projeto: a edição, sua estrutura. Seleção final do *corpus*

Se os novos tempos exigem um olhar alargado que contemple a perspectiva da interdisciplinaridade, o mesmo se pode dizer em relação às expectativas do leitor desses tempos de comunicação midiática (Sarlo: 1997).

Atentos a isso, relemos os mais de trezentos poemas pré-selecionados, procurando identificar aqueles que, no conjunto (inclusive, agora, considerando os rabiscos), atendessem, por suas *especificidades*, aos critérios de comunicabilidade. Paralelo a este procedimento foram lidos, também, os textos auto-referenciais e auto-biográficos. O propósito era ter um material que correspondesse à exigência de uma edição que tivesse como fundamento as propostas da *visibilidade, leveza, exatidão, rapidez* (Calvino: 1988) e *consistência* (Simões: 1999). Uma edição que

primasse pelo aspecto comunicativo e contemplasse as várias linguagens de V.P.

A estrutura foi definida em três partes, que compreenderiam a *seqüência* teórica inicialmente proposta: *vivência* - dados biográficos; *experiência* - *corpus* poético; *ação*: recepção crítica. Apesar dos materiais que possuíamos (depoimentos, entrevistas, textos críticos), a riqueza da VOZ de Valdelice fez-nos entender ser mais pertinente deixá-la falar sozinha.

Buscando captar a mais próxima interação entre poemas e rabiscos, fotos e textos, enquanto linguagens que confluem para significação e comunicabilidade, procedemos a uma cuidadosa análise, em observação da temática e de traços, tendo em conta as suas referidas *especificidades*. As linguagens expressariam a VOZ. No que toca à relação entre poemas e rabiscos, tal procedimento, em alguns casos, já havia sido identificado como intenção autoral. Outros foram relacionados por nós, depois de cuidadoso estudo temático inter-linguagens (textos e desenhos; ou textos e fotos), então tomando a função leitora como decisória. A intenção da pesquisa é evidenciar a expressão poética que se realiza pelo diálogo dessas linguagens.

Definida a estrutura e vencida a idéia de que, na edição, somente figuraria a Voz de Valdelice Pinheiro, o *corpus* ampliou-se, constituindo-se não somente dos poemas e dos rabiscos (*corpus* principal), mas também dos textos auto-biográficos,

dos textos auto-referenciais, das epígrafes, dos desenhos que compõem as folhas de guarda (*corpus* complementar). Atendíamos, dessa forma, à *seqüência* teórica proposta com a Voz que falava da *vivência* (em textos e fotos); a Voz que produziu a *experiência*, através de estratégias discursivas singulares (poemas e rabiscos); a Voz que, fazendo-se leitora de si mesma, deixou a *ação* do texto agir em discurso auto-interpretativo. O caráter de comunicabilidade do texto ficava assegurado, assim, através das várias linguagens. Redimensionamos, dessa forma, a estrutura da edição em: Mosaico autobiográfico, Poemas e rabiscos, Retomemos (texto auto-reflexivo) e, ainda, com as folhas-de-guarda temáticas de aves e peixes.

Como ficou dito, esta edição é composta com materiais inéditos. Os poemas e textos digitalizados foram cuidadosamente revistos à luz dos originais. Optamos por apresentar alguns materiais na sua forma manuscrita: uns, por ser impossível separar as linguagens, tão imbricadas são; outros, por ressaltarem o processo da gestação autoral (vide dobradura). Os rabiscos e manuscritos foram digitalizados rigorosamente atentando aos formatos, mas limpos dos traços estranhos à peça em foco. Excepcionalmente, integra a parte final deste livro o texto “Retomada”, publicado na *Revista FESPI* (1984). Complementar de Retomemos, a sua reedição se justifica, num trabalho que se afirma de inéditos, devido à Revista onde foi publicado estar esgotada, extinta e ter sido de pequena circulação. Além do mais, tal inclusão fica coerente com a última

proposição da *seqüência* teórica: *ação*, já que se trata de uma auto-reflexão sobre a obra (por ser realizada pela própria autora, ao nosso ver, mais valiosa).

Integra esta edição, ainda, a relação dos materiais de divulgação produzidos e resultados parciais publicados e apresentados em congressos ao longo da execução do projeto.

UMA INTERPRETAÇÃO: A UNIVERSALIDADE DA EXPRESSÃO POÉTICA DE VALDELICE PINHEIRO

*Não há tempo para
o poema e o poeta dura
e um dia morre no corpo de sua carne, para ser apenas o instante,
maior que o tempo, no corpo de seu verso.*

VP

Professora e filósofa, Valdelice Pinheiro posiciona-se no mundo, antes de tudo, como poeta e como artista. Em texto ainda inédito, considera artista “este ser que não precisa se comprometer com nada porque ele próprio, por si, já é o olho mágico, descobre o presente, que recria o objeto e o fato para o ângulo maior da história.” Afirma, ainda, não querer simplesmente fazer poesia, mas ser poeta no gesto diário de viver. Inadaptada com a vida, chega a mencionar estar cansada de quase tudo, principalmente da sua própria incapacidade de adaptação.

A presença de Deus na sua obra não se faz por crença religiosa, mas por postura filosófica e de fé. Dialoga com filósofos de todas as épocas, preferindo os antigos, particularmente Platão e Sócrates, por sua intuição psicológica e poética, lendo-os com um olhar contemporâneo. Segundo Helena dos Anjos, amiga de Valdelice (também filósofa), ela não se identificava com os filósofos racionalistas, embora se apropriasse de algumas das suas idéias. Nesse sentido, por exemplo, toma de Descartes o conceito racionalista das idéias inatas para, espiritualizando-o, afirmar a

sua certeza do Absoluto. Sua visão de Deus é filosoficamente trabalhada.

As *vivências* de Valdelice substanciam a sua *experiência* poética. Tendo vivido muito ligada ao campo e às roças de cacau, a sua poesia é perpassada por essas vivências. O repertório, que utiliza, denuncia a sua objeção ao mando, às desigualdades sociais próprias do contexto grapiúna, da conquista das terras do cacau, do desbravar das matas, do mando dos coronéis, do poder do mais forte. Tais focos, filtrados pela palavra poética, são universalizados através de uma temática reflexiva, recorrente às questões relacionadas à valorização da natureza, à desigualdade social, à liberdade, à simplicidade do existir, ao amor universal, à necessidade de igualdade entre os homens. A sua concepção filosófica de Deus está na base da sua postura poética.

A angústia que, muitas vezes, a sufoca é a forma de estar e sentir o mundo. Lida com a realidade por um foco de sensibilidade e olhar crítico, próprios de quem vivenciou e, agora, redimensiona o vivido através da *experiência* poética. Sua formação filosófica (professora de Estética e Ontologia) alicerça, portanto, a obra poética de postura reflexiva sobre o mundo, sobre a vida. A sua visão de mundo, a sua relação artística com o mundo não se limita a um olhar do imediato e objetivo, “mas o aí em relação ao aqui, ao cá dentro, sujeito modificador do mundo”.

A

sua poesia é também expressão de sua esquizofrenia assumida. Admite isso, entendendo-a como uma viagem. Nos processos de elaboração mental, considera, ainda, as respostas do corpo aos reclamos da mente como somatização: “Tomar no corpo as porradas da mente...[...] O homem é um animal que se inventa e, inventando, se desconhece”. O aspecto comunicacional, dentre outros aspectos, reside na simplicidade de sua expressão. A própria poetisa diz sobre sua poesia: “é simples, toda nascida de uma linguagem cotidiana, sem rebuscos. Por isso o povo gosta dela, embora às vezes o sentido de alguns poemas seja até metafísico. Acho que se se entende a palavra, sente-se o conteúdo do poema”. Para ela, artistas são aqueles que vêem “a explosão de uma semente e ouvem uma flor se abrir”; “o poeta, como o filósofo, é esse micróbio que conhece as entranhas”. “Só pode haver criação sobre uma existência anterior”, diz Valdelice.

Auto-reflexões sobre o processo criador denunciam a filósofa que existe em Valdelice Pinheiro. Em verdade, ela ocupa-se desses textos simultaneamente ao seu fazer poético, em retro-reflexão, parece. Esses escritos de auto-interpretação são explicativos do seu processo poético e podem ser tomados como uma proposta de teoria da poesia. Para V.P., escrever é libertar-se. O texto nasce do silêncio, diz a poetisa, de uma voz interior impulsionadora. Essa Voz (com maiúscula), diz ela, não “a simples voz, um som emitido pela competência do aparelho fonador, mas a Voz, a VOZ,

aquilo que sem dúvida não me antecipa mas é certamente o que me diz. A Voz... Esse silêncio que chega aflito, precisando do grito, tem que inventar o som...” (in: Retomada). O processo de surgimento do poema passa pela fase do que chama de “mundo das idéias”, fase essa expressada através de desenhos. São retas, curvas, espirais que dão surgimento a inesperadas formas e em seguida ao poema. Nesse instante, “a voz tira a lógica, o juízo, desregula o comportamento do vocabulário” (id). Assim nasce o poema: *Se a carambola/ tivesse dedos/ tocaria Mozart,/ certamente* (id.). O processo *criador* (termo que prefere a *produtor*) muito tem de arrebatador e inexplicável. É fruto da VOZ que “no poema ou no gesto, cria o ‘milagre’ humano... A palavra é apenas via, instrumento, acidente...” (id) , quando o deslizar do lápis sobre o papel faz o desenho ser poema concreto.

Assim, poesias e desenhos (rabiscos) expressam a sua forma de comunicar. Compondo um processo artístico que ultrapassa a palavra para uma comunicabilidade visual, a sua poesia brota dos rabiscos. É a própria Valdelice quem o afirma. Às vezes, são associados aos poemas; outras, são fases de gestação da palavra escrita. Processo de elaboração da idéia, os rabiscos apresentam-se com traços geométricos ou com figuras, no mais das vezes rostos meigos e límpidos, de traços leves e finos. Assim, arte pictórica e arte poética somam-se numa expressão que fala por várias linguagens. Poesia de versos curtos, tituladas ou não; rabiscos tracejados ou

definidos, sempre em grafite, fazem o texto leve, visual, rápido, múltiplo.

⊖ processo criador de V. P. passa pelo exercício da reescrita. Nesse mister, há poemas que apresentam até onze versões. Esse processo da reescrita, que apresenta questões sintáticas, rítmicas, morfológicas e de estruturação do poema, é indicativo da busca da melhor palavra, do melhor som, do melhor sentido. Evidencia a procura do poema limpo e perfeito e sinaliza o exercício de produção da poetisa, embora Valdelice, por vezes, afirme ter “preguiça de limpar o poema, tirar-lhe as placas de sangue, perfumá-los com santos óleos”.

Em relação aos textos manuscritos, em alguns casos, marginais acompanham o poema, constituindo-se paratextos integradores. Em outros, tais anotações marginais são indicadoras do processo de enunciação, inclusive sinalizadoras da condição contextual (espacial e histórica) da poetisa.

A questão do ser e da existência é temática da sua obra de base filosófica. Embora os seus escritos sejam, todos eles, perpassados por esse olhar voltado para o existencial, esse foco é nuanceado em blocos temáticos. A idéia de liberdade, presente nos poemas publicados, constitui-se bloco temático nos textos inéditos. Dos inéditos, poemas filosóficos tratam de amor, desigualdade social, inadaptação à vida, sua relação com a natureza e sua existência metafísica; poemas auto-referenciais abordam o fazer poético,

revelando o seu entendimento sobre a poesia .

Os campos semânticos são povoados por um repertório denunciador de uma vivência ligada ao simples, ao campo, a uma época: candeeiro/ luz, pão/ alimento, ninho/ passarinho, útero/ mãe... Esses termos têm uma carga semântica que ultrapassa o seu sentido primeiro para alcançar outras dimensões significativas e, também por isso, ultrapassam de uma perspectiva regional, para uma proposição universal.

Termos fortes e duros não fazem parte do seu repertório pois “é preciso vencer o pudor da palavra, o pudor da verdade como poesia exata” (universal). Aliás, neste sentido, Valdelice diz ter o lirismo covarde dos burgueses: “revolucionária sentada, fumando tranquilamente [...] cigarro multinacional, comendo um frango defumado também multinacional [...] quer a linguagem desejando a Paz, a Justiça, a igualdade dos homens, mas [...] tremendo de medo daquele que virá com fuzil na mão, buscar [...] a prestação de contas, marginal ou patriota!”

Eminentemente filosófica desde o seu processo de enunciação até a concretude da sua formulação, muitas vezes antecede o processo de produção uma reflexão filosófica. Nesse sentido, textos filosóficos são verdadeiras matrizes de poemas ou de prosas poéticas, como é fácil de ser observado no exemplo a seguir.

Texto filosófico:

*No começo não era o caos, o nada, mas a
Unidade, a Perfeição, a ordem absoluta no
Todo, no Em si (primordial), eterno.
A Perfeição absoluta explode. E a explosão é
do espírito, da consciência, para criar-se a
si mesma.*

*Deus, portanto, essa Existência Anterior,
não criou do nada, mas CRIA de si mesmo,
explodido. Criar é explodir-se no Ser.*

Texto poético:

Poema da Criação

*Nada existia.
Uno e só,
o Em Si
pulsa, pulsa...
Como um infinito
Óvulo maduro.
O Em Si
não se basta.
E no milagre
de seu próprio
encontro
algo estremece e abala
a Eternidade:
o Em Si fecunda-se.
E por se fecundar,*

*explode-se.
E cria.
Nasce a Existência,
o átomo que se anima.
E na Existência
o tempo.
E no tempo
o homem.
O Em Si
se expressa.
E a Existência
o cria.*

Eu prosa poética:

História da Criação

*O Em-Si era um solitário dorminhoco,
prisioneiro do infinito, da Eternidade.
Chamava-se Ser. “Um dia”, em-si-triste,
em-si-zangado, em-si-prenhe e
amadurecido em seu próprio ovo e em seu
próprio ventre, explode-se, rompe-se, pare.
E cria! E em criando-se, cria-se! Revela-se
então amor e liberdade. Liberta-se.
Liberta-se nas asas do finito, na animação
vital do tempo-espaço. E só então chama-se
Deus.*

As vivências do dia a dia do mundo circundante,
presentes na sua obra, traduzidas pelo olhar
crítico e sensível, são motivadoras de reflexões ou

depoimentos, matrizes também de poesia. O poema *Como se fosse Ho Chin Min*, publicado nesta edição (vide), parece ser fruto de vivência:

Um dia eu estava vendo pela televisão um noticiário sobre o Vietnã, com filme de uma batalha em um campo de arroz. Eram milhares de tiros ao mesmo tempo, bombas explodindo e homens e mulheres que corriam e se escondiam como podiam. Jamais pude entender uma guerra em um campo de arroz, e esse documentário em particular me emperrou mais o entendimento. Porque enquanto filmava, não sei se com a avidez de testemunhar a história ou vender um filme sensacional, toda aquela extrema agonia de medo e morte, passou pela frente da câmara uma borboleta. De repente toda a cena, embora tenha sido rápida a borboleta, tomou outra dimensão: em um campo de arroz, enquanto se filmava uma guerra, pousou uma borboleta. Fiquei tão fascinada que me surpreendi orando, rezando de dentro, por todos os campos de arroz do mundo, por todas as borboletas de arroz, de trigo, de mandioca ou de feijão, mensageiras de uma paz invencível.

Pode-se ver, assim, como o fazer filosófico caminha *pari passu* com o fazer poético, numa interação textual completiva e, por esse aspecto (sinalizador também do sentido), traduz o seu processo enunciativo.

Por tudo quanto foi observado, podemos concluir que se, por um lado, a *leveza* e a *visibilidade* da poesia de Valdelice Soares Pinheiro fazem-na comunicativa e bela, por outro, a sua consistência, plurissignificação e revisitação filosófica sobre temas que transcendem fronteiras, fazem-na profunda, crítica e questionadora. Universal.

erra, o pudor da
poesia exata não
mente empírica que a
mais ainda, a pre-
poético o gesto
te poético o ato incon-
volve e bio. elemento
fecunda o trigo, ^{que vai} _{doz no} _{poa.}
nte de merda é algo
para a terra, que am-

MOSAICO - UMA AUTOBIOGRAFIA



A história é um contínuo
espaço-tempo-fato e o
contínuo é presente. Não
há, portanto, passado na
história. Nem em mim.

DA FAMÍLIA

Da Mãe

Do regaço de minha mãe, entre seus braços, o ninho, a fonte, o leite escorrendo do peito entre seus dedos e esse calor de amor me dando vida.

Depois, minha mãe morta entre meus braços e eu sem fonte, sem leite, desaninhada e perdida e também morta.



Do Pai

Parecia um príncipe de histórias infantis. Cabelos lisos como água, o peito largo e as mãos finas, compridas e ágeis, tensas, musicais, pareciam cordas que se tocam e cantam. Parecia um pássaro e voava em seu cavalo como se fosse todo de asas.

Tangia-se, passava sobre as árvores e depois, à noite, o corpo lânguido, se deixava entre os braços perfeitos de suas deusas negras.

Parecia um anjo.

E era puro e limpo como um menino em primeira comunhão.

Dos Irmãos

De manhã eles saíam, machado ou
foice às costas, facão na cintura,
para conquista da mata que deveria
fecundar-se em suas mãos. E à
tardinha, quase noite, desde a
descida da serra, ouvia suas vozes
felizes, sem cansaço, tranqüilas.
Cantavam, falavam, sorriam e do
canudo de folha de mamão, feito
corneta, soava um toque de viver
que era a música mais linda que eu
me lembro de ter ouvido em minha
infância.

Dos outros

Dindinha Josefina.
Fada negra da infância de todos
nós. Sua inocência chegava a
ser mágica e consistia na
capacidade linda de ser
conivente com as crianças.

*“Eu sei, saudade dói, mas
é justamente essa dor que
nunca tirou do meu
coração, de meu corpo, de
meus pensamentos, a
presença de minha mãe,
de meu pai, de meu alegre
irmão que morreu mas
continua me sorrindo,
porque me dói cada dia
que passa.”*

Álbum de Família

FILIAÇÃO:
Vital Alves Pinheiro
Mariana Soares Pinheiro

IRMÃOS:
Rafael
José
Davi
Antônio
Gabriel

DA VISÃO DE MUNDO

Artista

O artista, como artista, não se prende a deveres, não tem medidas, é livre; compromete-se apenas consigo mesmo, com o que quer criar, para materializar o seu conteúdo interior.

Estilo

Visto meu longo camisolão branco e saio por aí, livre como sou. A minha roupa que não se inclui em moda alguma, cuja beleza consiste apenas no bem estar que me proporciona e que por isso se traduz na sensatez de vestir, significa, expressa uma atitude íntima, um modo de pensar.



Pátria

Minha Pátria é este sentimento de amor que me liga à paisagem do País onde nasci.

Minha Pátria é esta voz que canta em mim o canto desses pássaros e me transmite a energia desses rios e a paz dessas florestas, dentro do contorno dessa paisagem.

Cultura

Entendo cultura, em termos gerais, como tudo aquilo que compõe o universo instrumental do homem e determina a sua concepção de vida, o seu modo de viver.

Morte

Nasci e me criei no campo, onde a vida e a morte são fatos simplesmente naturais. Daí, talvez, a minha vantagem sobre as pessoas urbanas, que só conhecem a morte em termos teóricos ou quando ela lhes toca diretamente. Para essas pessoas a morte é um acidente trágico.

Educação

Descobrir e desenvolver no homem, ao nível de consciência, tudo aquilo que, em fase de inconsciência, o faz ingênuo e puro, feliz e bom.



“a morte é apenas uma topada com o infinito, sem necessidade de astronave ou máquina.”

DAS VIVÊNCIAS



*eu vim dali onde, do azul
de entre meus dedos,
nasceu o espaço de meu
corpo... me fiz e me faço,
entretanto, a cada passo,
enquanto traço o desenho
e a extensão da volta... o
laço...*

Nasci em Itabuna, na rua da Bananeira, naquele tempo - uma espécie de arruadozinho a dois ou três quilômetros de Itabuna propriamente dita - onde se instalavam pequenas bodegas de secos e molhados e as fascinantes rancharias, galpões toscos, cobertos de palha, nos quais pernoitavam os tropeiros que chegavam ou saíam da cidade à noite. Era lindo! Tropeiros e tropas faziam a festa desse lugarzinho tão rico de gente e coisas das quais nunca houve duplicata no mundo, muito embora a luz dos fifós, o cheiro de toucinho fritando para aquele arroz e feijão cujo gosto, quase que divino, jamais se repetirá, tivesse um jeito medieval, qualquer coisa de passado distante, ou de um mistério de paz que me chamava, ou me assanhava a fantasia. Os tropeiros eram os meus heróis da infância - homens muito rústicos, rudes, pobres, de roupas encardidas e seus gibões de couro, mas que para mim eram os mais lindos, os mais fortes, e ao mesmo tempo os mais delicados homens do mundo.

Ê tempão de maravilhas!... Não, eu nunca sonhei com fadas, ninguém me contava histórias da carochinha e eu não conheci Chapeuzinho Vermelho. Que delícia! O universo infantil de minhas fantasias nascia da vida que me cercava – uma vida que tinha cor, cheiro, gosto, som e que vibrava entre meus dedos às vezes como uma flor, outras vezes como o pelo de um animal, ou ainda como o tronco de uma árvore que parecia me dizer coisas, coisas de luz, de lugares iluminados no fundo da terra...

Ah, minha infância tropical, brasileira, comendo jaca e mamão, chupando cajá e tangerina, descobrindo o mel no favo, conhecendo as abelhas!

minhas fantasias vinham do cio das cadelas, das éguas, das porcas, já na perspectiva dos filhotes que iriam compor tanta alegria entre meus braços. Havia sexo sem mistério, como havia a morte quase sem dor, como um fato normal na vida. Não conheci dragões vilões, nem heróis, nem príncipes encantados. No máximo, havia um corujão ameaçador, à noite, espreitando meninas malcriadas e teimosas e, durante o dia, no mato, caiporas traiçoeiras que escondiam crianças desobedientes.





Os cachorros são fundamentais para a vida emocional dos homens. Os cachorros civilizam os homens, os cachorros amansam o duro coração dos homens.

De repente, um dia, no meio desse reino de limpeza e de verdade, nasceu na boca das pessoas uma palavra intrigante: escola! Meu irmão menor dava pulos de alegria – ir para a escola era uma aventura dessas que a imaginação das crianças enriquece até as conseqüências da sabedoria. Eu fiquei quieta, triste, triste. Eu não queria ser sábia.

Preferia ficar ali, onde nasci como uma fruta e ser apenas fruta. Mas fui. Me amarraram por dentro e eu fui. Desde então só cumpri deveres, me entristeci, murchei e não sou feliz. Mais do que os meus inocentes e humanos grilos, carrego terríveis gafanhotos que devoram meu milharal.

Sou uma pessoa primitiva e, além de criança, nesse tempo todo atrás, há quarenta anos deveria sê-lo mais ainda: me sentia uma só com o meu mundo silvestre, com o meu chão. E chorava, morria de dor quando morria um cachorro, uma galinha, uma vaca, uma planta mais próxima. Era como se, com eles, eu perdesse um pedaço de meu corpo. Hoje, dita civilizada, sou apenas em pedaços e ansiosa por um retorno às origens como o meu maior encontro para me recompor.

DA VIDA PROFISSIONAL

Antes de ser professora
eu sou poeta, eu sou
artista, este ser que não
precisa se comprometer
com nada porque ele
próprio, por si, já é o olho
mágico que descobre o
presente, que recria o
objeto e o fato para o
ângulo maior da história.



Eu ousaria apresentar um pequeno texto de minha lavra, isto é, uma pa-lavra minha sobre Universidade. Por que “pa-lavra”? Porque entendo palavra como um instrumento de preparo do solo, implantação de semente e colheita. Coisa de poeta? Talvez. Mas talvez também seja preciso dizer que o poeta, como um escavador de linguagem, é um instrumento de conhecimento e de ação, como deve ser o cientista, como é o cientista, no contexto de sua significação e circunstância. Tudo isto que acabo de dizer representa, para mim, já um conceito de Universidade, como o lugar da ciência, da arte e da política.

Eu sei, sinto, vejo, em toda a minha perspectiva brasileira, como profissional do ensino e como educadora, que isso, sim, é o que há de mais urgente, de mais angustiosamente urgente, nas providências nacionais – consciência de nacionalidade.

FORMAÇÃO ACADÊMICA

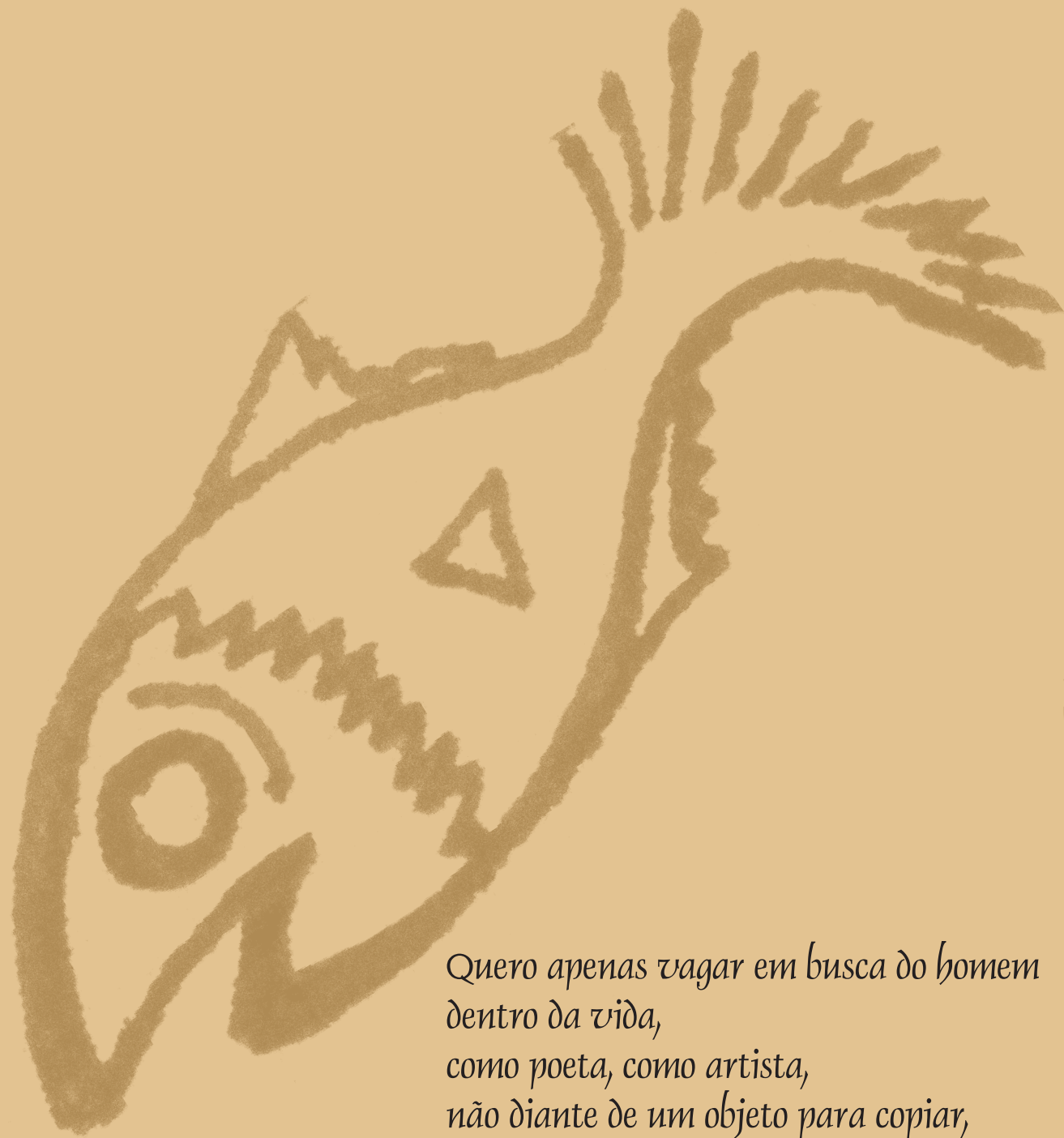
Licenciada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre -RS.

Professora titular de Estética e Ontologia da UESC

Fundadora do Centro de Estudos Filosóficos da UESC.

Itabuna

No cemitério,
no chão puro,
no ar,
no tempo que passou,
em tudo,
aqui,
vive tudo de mim;
meu pai e minha mãe
sob uma legenda e flores,
os meus primeiros sons,
a primeira imagem
de meus pés andando por si sós
e todos os meus olhos
se estirando
pelo verde dos cacaus abertos na mata
como um mar que desse frutos de ouro
e frutos de fome.
Aqui cresceram as minhas mãos
com ânsias de infinito e cheias de agonia.
Aqui nasceram e morreram
as minhas dores mais reais
e mais as ilusões de minhas alegrias.
Aqui eu aprendi o sentido da Paz,
a extensão do amor,
o quanto vale o homem
e de que tipo
de suor,
de força,
de coragem,
de doces e tristes coisas
é feita a vida.
Eu sou plantada neste chão.
Eu sou raiz deste chão.
Este chão sou eu.

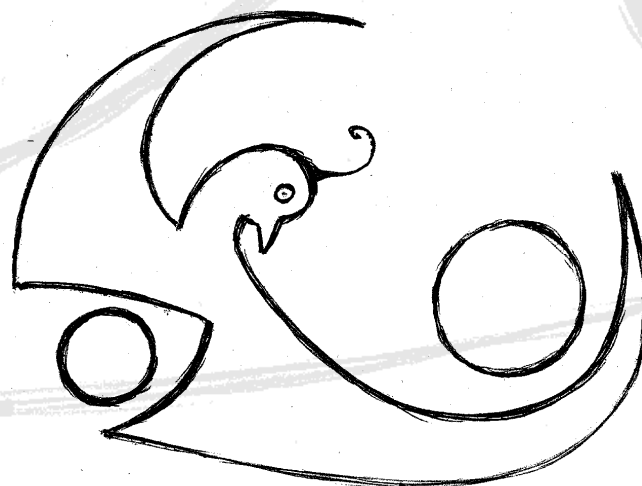


Quero apenas vagar em busca do homem
dentro da vida,
como poeta, como artista,
não diante de um objeto para copiar,
ou descrever, ou analisar,
mas ao redor de sonhos,
angústias, desesperos, medos e esperanças
que se acumulam no ser da gente.

W. F.

POEMAS E TRABALHOS

Um borrão de cinza
sobre a folha em branco
desenhou-se garça
levantando vôo.
De repente, então,
a estática liberdade da cinza
criou vida
no movimento da ave.
E logo fez-me em mim
o tempo e a Eternidade.

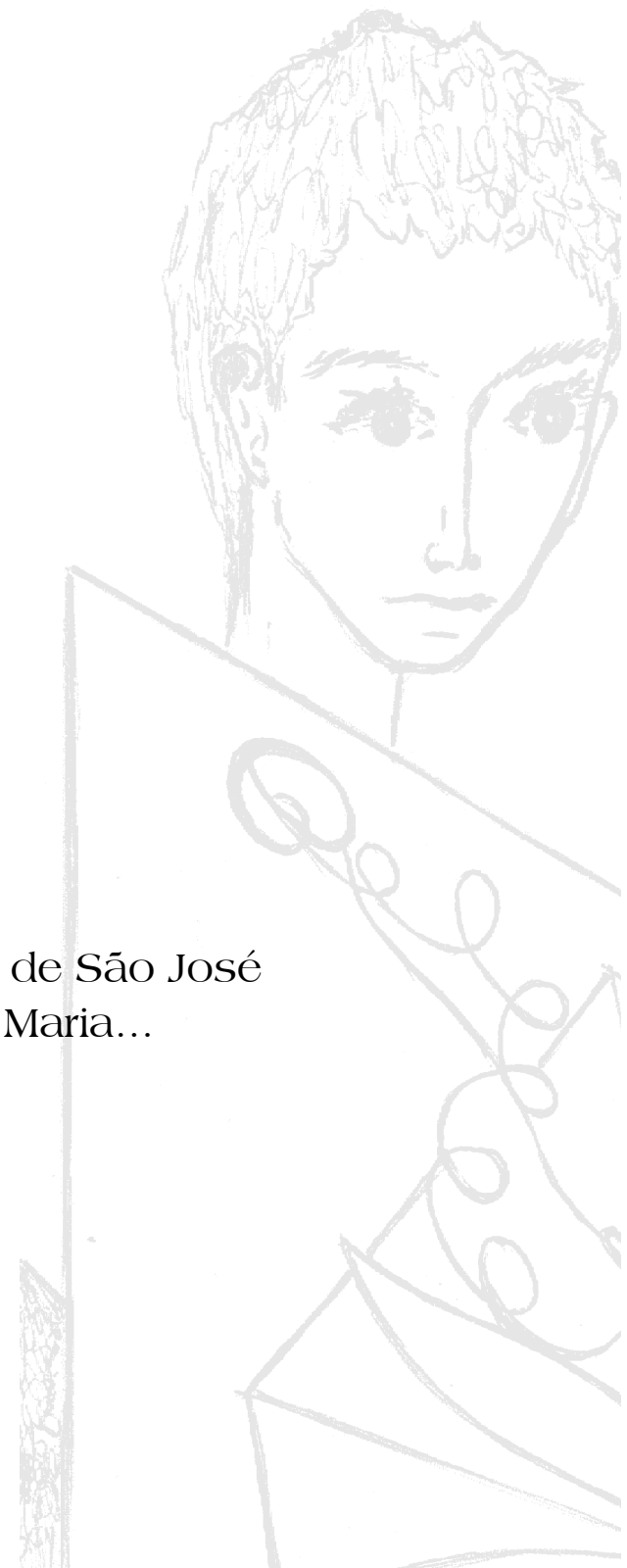


Minha canção de infância

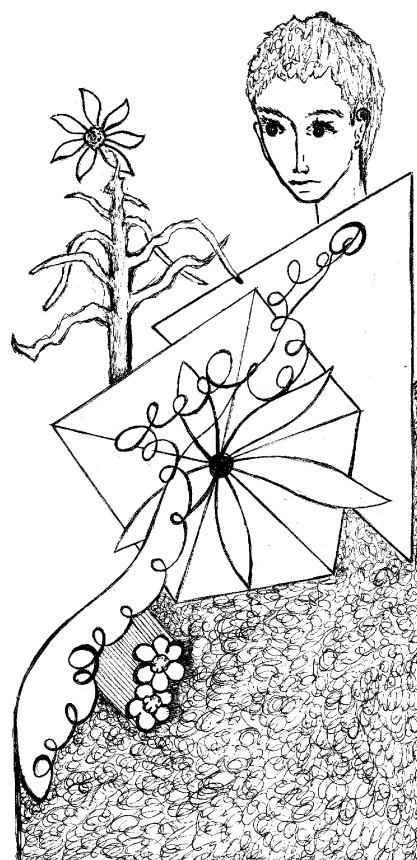
Canto
o canto dos meninos
da roda do pirulito,
nas procissões do palhaço
que bate-bate
nesse tambor mambembe
sem limite,
na rua da Bananeira.

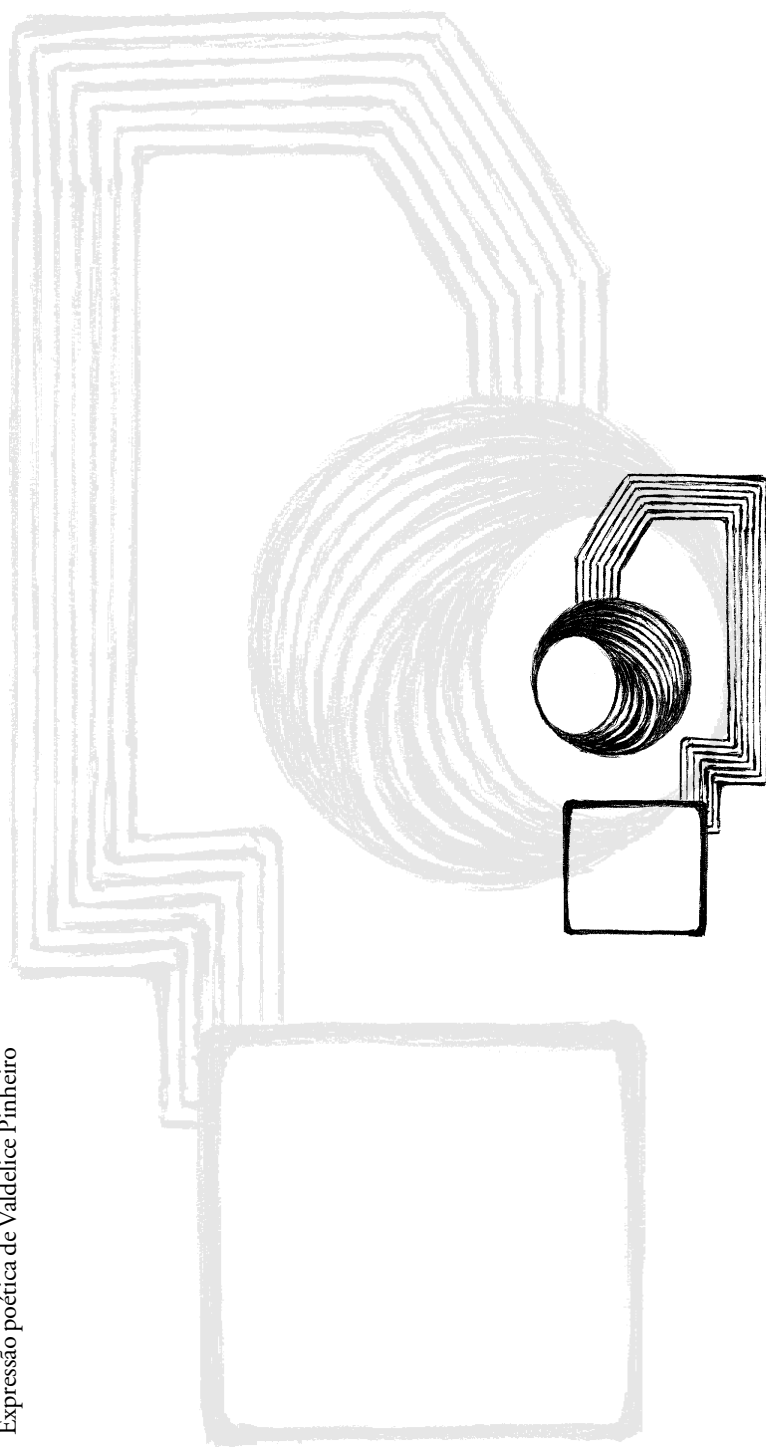
Canto
a voz colorida
das lavadeiras
de meu rio,
nas procissões de São José
-Ave, ave, ave, Maria...

Canto
essas estradas de férias
que me levavam pra casa,
encantadas estradas
cujo barro tinha luz,
onde as árvores sorriam
e as pedras não doíam.



Cyro-ciranda,
canto-menino,
semente e corpo
deste chão
de sol e sal e
onde nossas infâncias
sorriram e choraram
encantos e desencantos...
...o sapo que era príncipe
a caipora engraçada
que enganava
nossos passos...
Cyro-ciranda,
roda de sonho
e verdade revelada,
o grito dessa Voz
que não se cala.

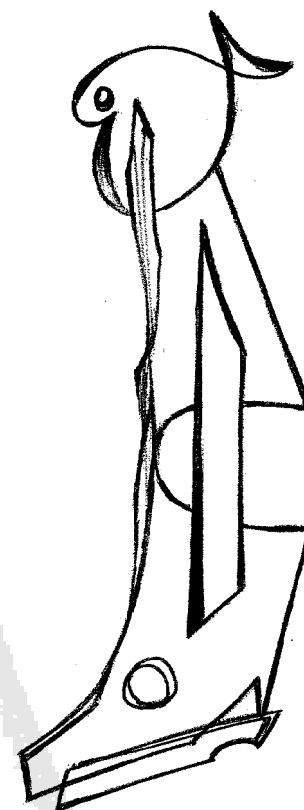




O olho mágico
da porta da frente,
entre meu medo
e o sol,
me deu a luz
de teu rosto.
E esta sala
sem fé,
abandonada em mim
como um falso traste
sem proveito,
ficou de novo
viva,
feliz
e verdadeira.

Haverá peixe e mel
nesse jantar dos homens,
nesse abraço dos homens,
nessa Paz dos homens.

Naus e naves
se encontrarão nas estrelas
e aportarão nas mãos dos homens,
floridas e desarmadas,
cheias de luz.
E na hora de dormir
soará o canto Um
da vida,
doce e sem mistério,
limpo como o Mundo,
para ninar
o coração dos homens.



Canção de Paz para ninar os homens

Descansa, meu amor.
Que seja meu
o gesto de teu braço
e deixa a força de teus pés
sob o meu rastro.
Vem,
descansa aqui em mim,
sobre o meu corpo.
Eu te levo.
O meu amor
te faz imponderável,
não há degraus
e eu tenho asas.

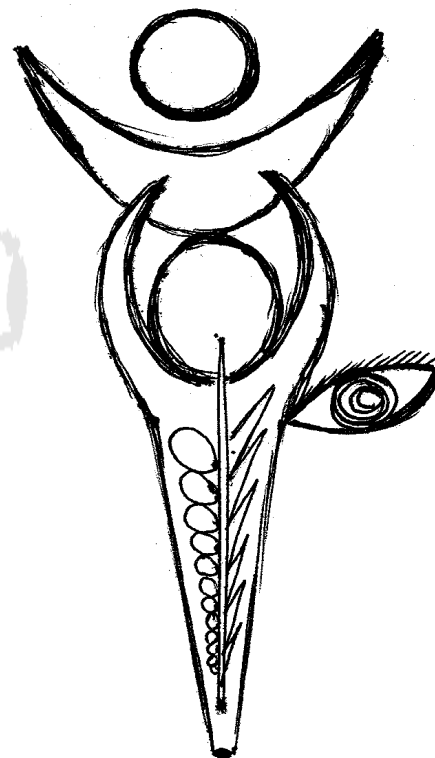


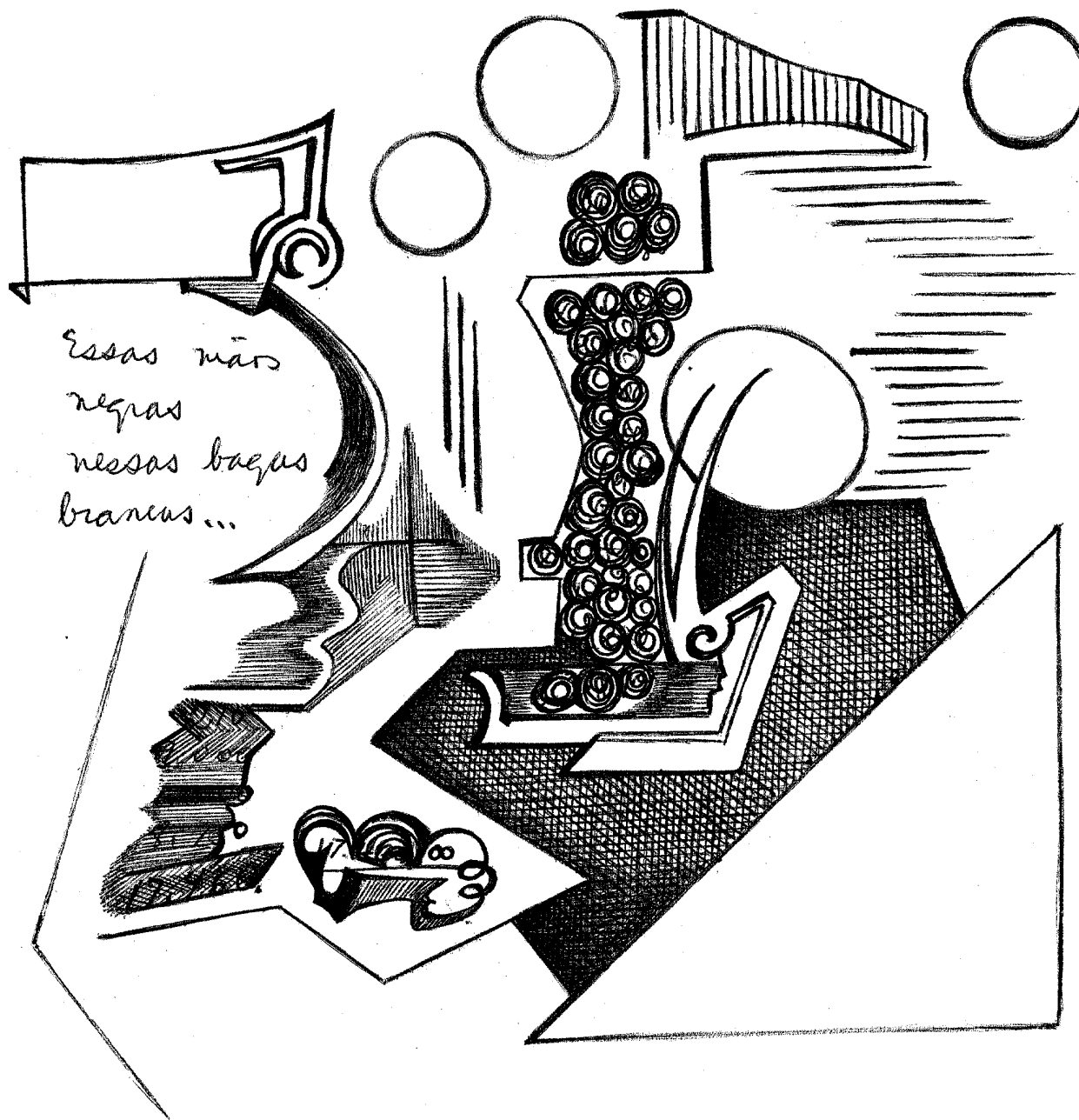
Era uma lua
de leite
nesse céu faminto.

Era um sol
como um ovo frito
nesse chão faminto.

Era um louro cabelo
como o trigo
nesse corpo faminto.

Era um desperdício
de leite,
ovo
e trigo
nessa palavra
impotente
do poeta faminto.





como se fossem
foja
modelando ouro...

Eu vim
de noites úmidas,
quando as sementes
fecundavam
o corpo virgem
da mata.

Eu vim
da branca paisagem
de pequenas flores
germinando ouro
no ventre
dos cacauais.

E acordei na manhã
dos deuses,
no mundo
do chocolate.



e o canto que ouvi cantar
na passagem da esperança
doía, doía tanto,
que eu me esqueci de esperar.

e rodei rodas no mundo
sem destino, sem querer
só pensando, certo, que o ponto,
era, está claro, morrer.

e morri mortes tão grandes
e sofri dores tão fortes
que meus pés, meus olhos, meus sonhos,
se quebraram por aí.

e morri mortes tão grandes,
e sofri dores tão fortes
que meus pés, meus olhos, meus sonhos,
se quebraram por aí,
na dobrada do caminho.

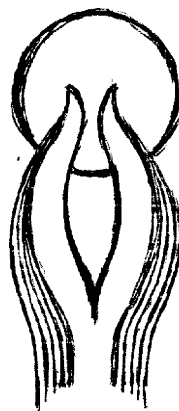


Meu corpo
somado ao som
compôs a dança.
Meu corpo
levado à mão
compôs a letra.
Meu corpo
marcado em cor
compôs a tela.
Meu corpo
formado em pedra
compôs a estátua.
Mas que corpo
compôs
este poder
de compor,
em meu jeito
de compor?

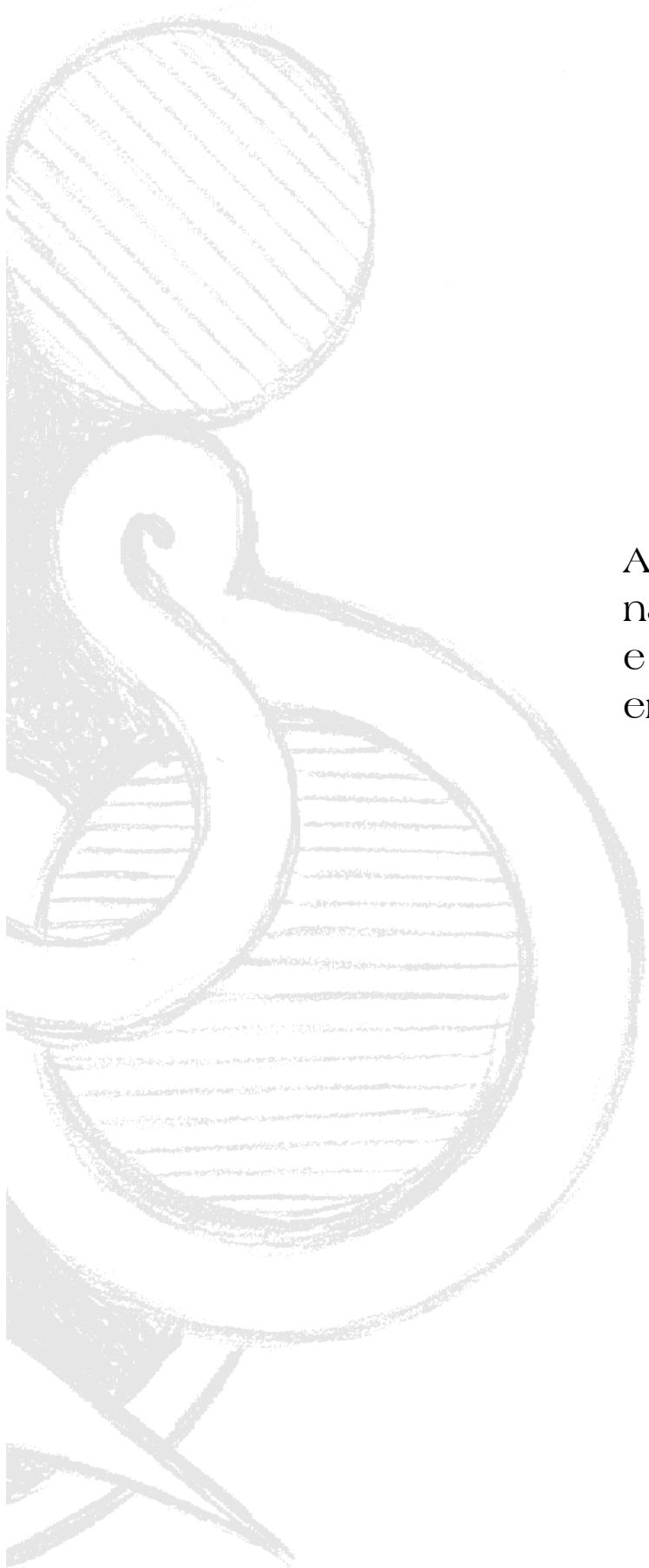
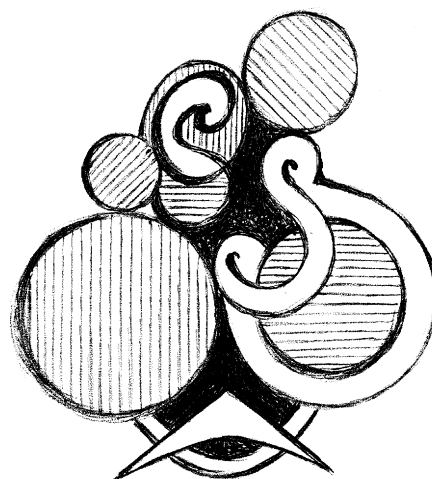


Férias

Voltei
- ou fui, não sei -
e vi,
nessa luz
de gás de antigamente,
as mãos
de minha mãe
rezando por mim.



Amanheço espelho
na superfície da água
e no fundo do poço
encontro a minha imagem.



E há de ficar em mim,
colado em corpo e sal,
o sal de teus cabelos
balançando adeus.
E há de ficar em mim,
cantado em boca e mel,
o mel de teu sorriso
me trazendo a volta.



Como Alfonsina

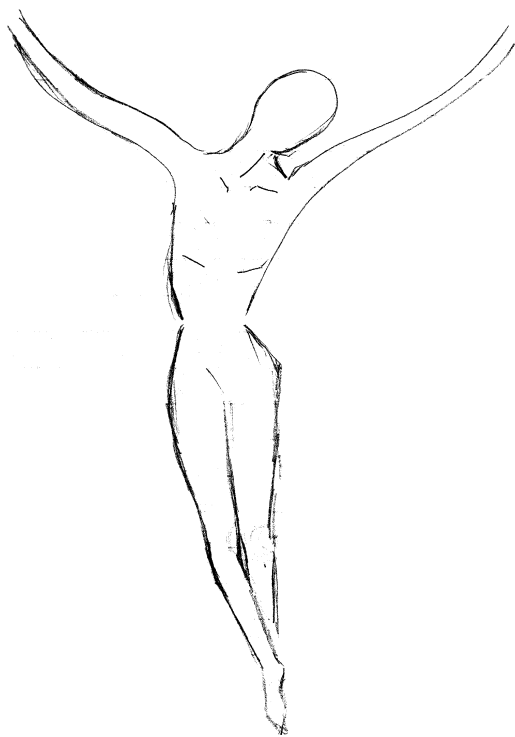
Como Alfonsina,
mar-a-dentro,
eu queria morrer
buscando algas
e cavalos marinhos,
catando na árvore vermelha
de cada coral
os meus perdidos versos
e devolvendo à superfície
o som sem jeito
e branco
de meu amor
e minha solidão.



Poema da criação

Nada existia.
Uno e só,
o Em Si
pulsa, pulsa ...
Como um infinito
óvulo maduro.
O Em si
não se basta.
E no milagre
de seu próprio
encontro
algo estremece e abala
a Eternidade:

o Em si fecunda-se.
E por se fecundar,
explode-se.
E cria.
Nasce a Existência,
o átomo que se anima.
E na Existência
o tempo.
E no tempo
o homem.
O Em si
se expressa.
E a Existência
o cria.

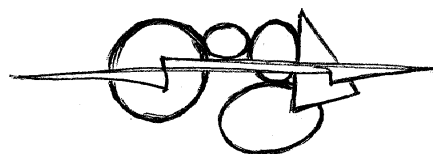


Íntima voz
chamando em mim
o infinito,
lembrando em mim
o macro-cosmo meu
plantado aqui
nesse meu ser.

Íntima voz
cantando em mim
o encontro
de todos os mistérios,
de todos os milagres.

Íntima voz
que apaga em mim
a dor
e me consola
e me conduz.

Íntima voz
vivendo em mim,
fragmento de Deus
falando em mim.



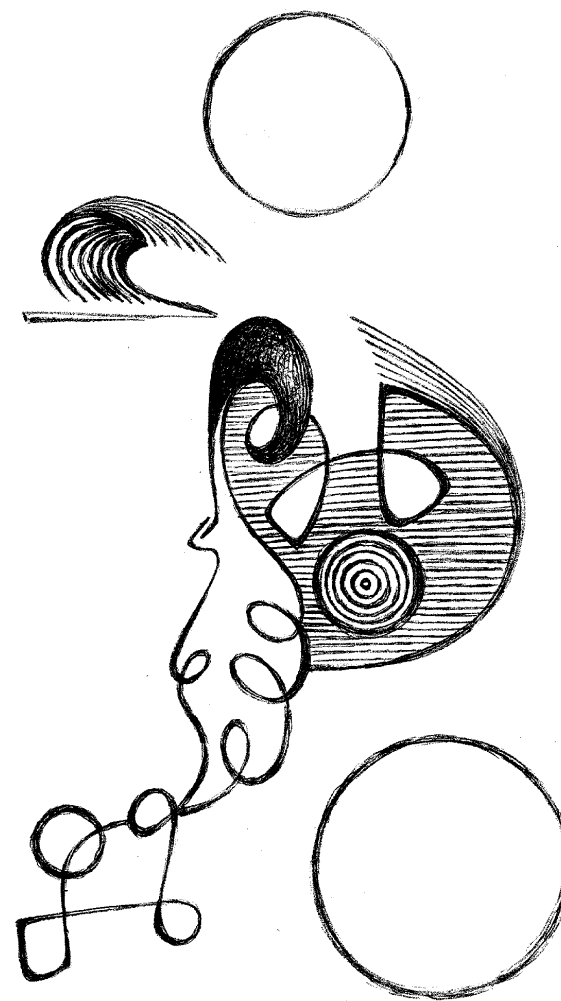
Poema do adeus

Deixo em teus braços
a colina de meus sonhos,
em teus cabelos
o cheiro de meu corpo
e sobre teus ombros
o peso de meu pranto.
Fica em tua boca
o gosto de meu sangue
e em tuas mãos
a magia elétrica de meus
dedos.

Guardo em teus pés
os passos que eu parei
e em teus ouvidos
o longo canto de amor
que agora digo.
Fico em ti:
sonhos,
sangue,
pranto,
canto,
eu.
E partirei,
o corpo exausto e oco.

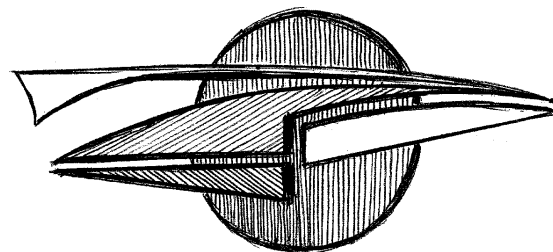



O sol,
maior,
cozinhou
o branco da lua
e seus
ge mi
dos,
se ouviam,
nesses lás
sem fim.
Morreu a lua.
E isto foi
sem dúvida
tristeza
e limite
Dó.
Maior.



Angola

é preciso medir
o ferro
e a forja
no corpo luminoso
desse negro
e saber
do grito livre
dessa África






Entre a inocência
dos dedos do menino
e o revólver
na mão do assassino,
há sempre um espaço
de nada,
um trágico destino.
Nem escola,
nem casa,
nem terra,
nem pão.
Quando a inocência
dos dedos do menino
se quebra
na mão engatilhada
do assassino,
perde-se a paz,
porque um homem escapou
de seu menino.

modelos

a viva natureza
de seus dedos
ajudou para a ~~obra~~ tela
a natureza morta





Eu invento
cristais
à flor da terra
e crio
o inexistente.
Meu universo
nem aparece.
Por isso
é maior,
eterno,
indestrutível.

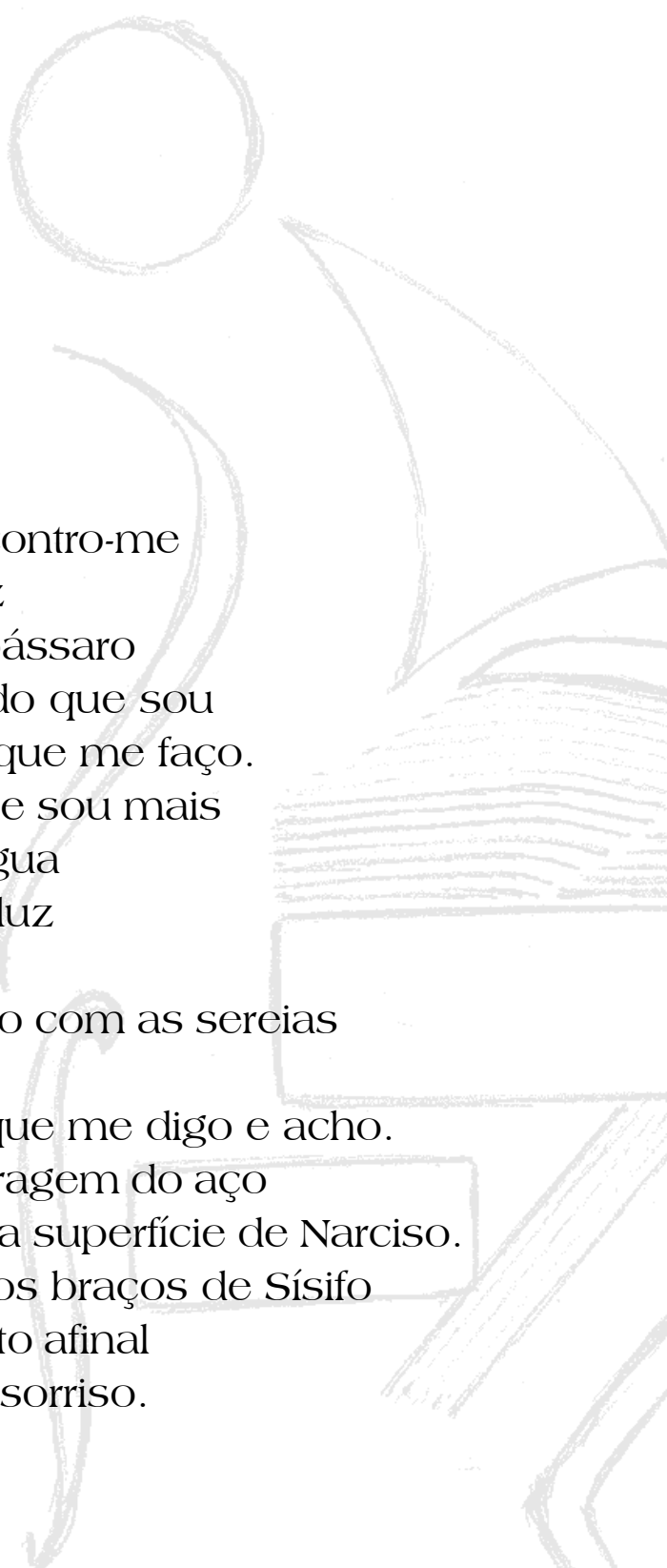
Viagem

Parto.

Navego esses mares
onde descubro a terra
desses sons que me iniciam
o passo em cada porto.

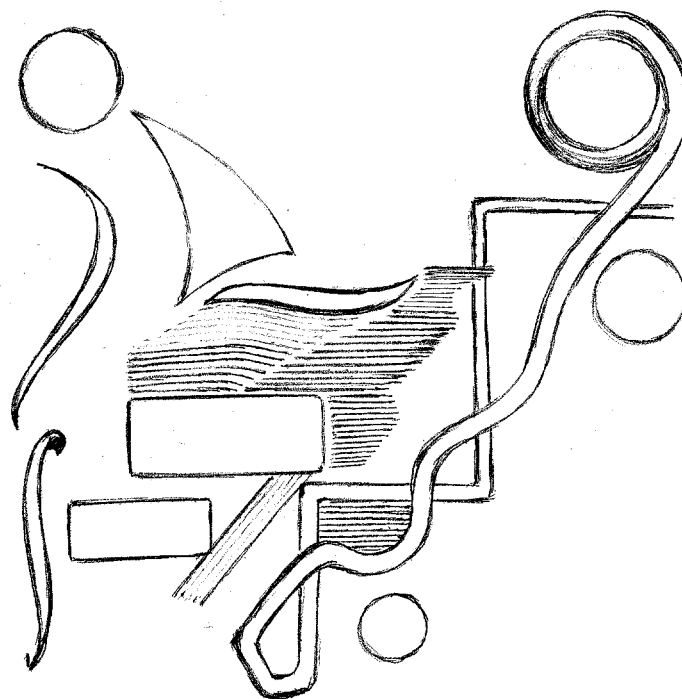
Em cada porto
me busco.

E em cada retorno
dissolvo a distância
do que me leva e traz.

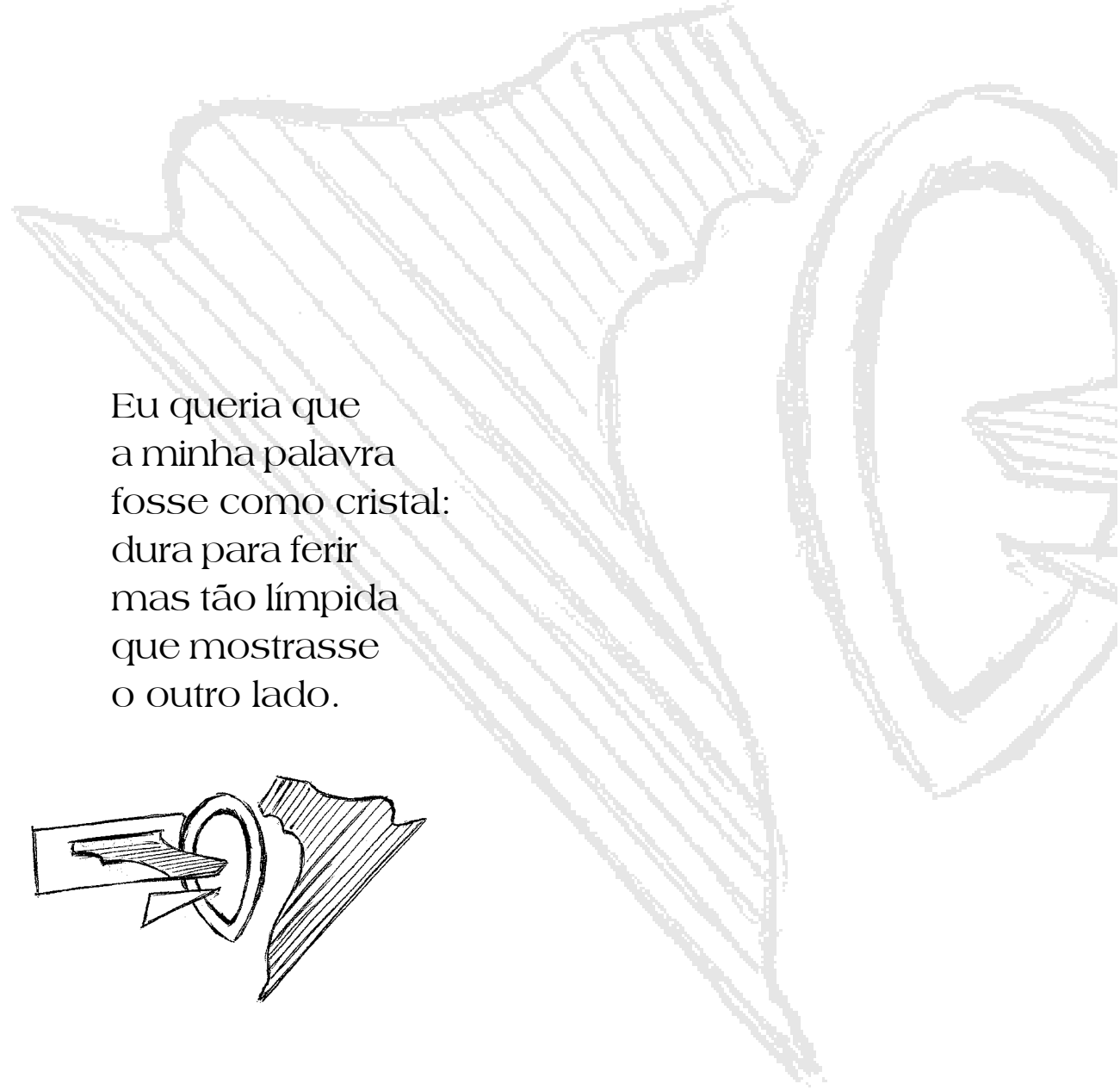
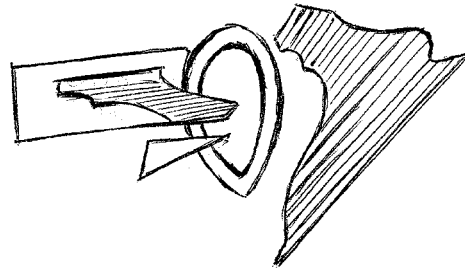


Reencontro-me
na raiz
e no pássaro
e sei do que sou
e em que me faço.
Sei que sou mais
que água
– sou luz
e asa
e canto com as sereias
a Voz
com que me digo e acho.
Na miragem do aço
deixo a superfície de Narciso.
Livro os braços de Sísifo
e liberto afinal
o seu sorriso.

Nessas lentas madrugadas
por onde o tempo escorre lento
como vento ausente,
na calmaria de um silêncio
sem asas,
sem velas,
na direção de porto nenhum,
eu fico como quem
já disse adeus.



Eu queria que
a minha palavra
fosse como cristal:
dura para ferir
mas tão límpida
que mostrasse
o outro lado.



Como se fosse Ho Chin Min

para o herói vietkong que queria a Paz

Era uma guerra
em um campo
de arroz.

Eu não entendo
guerra
em campo de arroz,
mas era uma guerra
em um campo
de arroz.

Homens e mulheres,
crianças, cães e aves
se escondiam,
nessa agonia
de medo e morte.

Mas de repente,
nesse fogo,
entre uma bala
e uma bomba
passou uma borboleta.

Reportagem

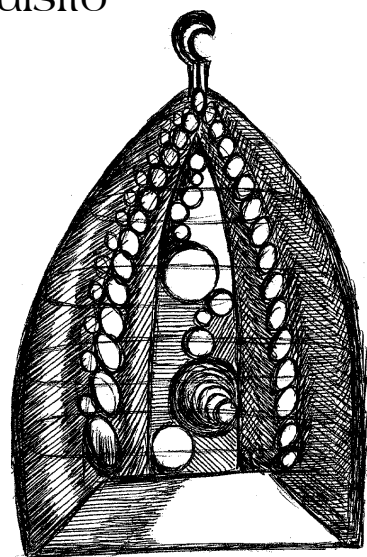
Parti.
E vi de tudo
no caminho:
ossadas,
luzes,
restos de criança
no armário,
instantâneos sorrisos
transitórios
e essa angústia
de nada
na face dos homens.
Tantas mortes
presenciei
que me esqueci
da vida.



Andei por um mundo
vazio
onde os homens passavam,
indo,
sem saberem que vão,
só indo,
com a precisão
da máquina que vai
e, se prepara a massa,
fabrica um triste pão
com sabor artificial

O broto
espontâneo da vida
secou no plano.
As crianças sumiram!
As crianças sumiram!

Em minha boca,
aos berros,
fiz essa manchete
sem luz,
sem cor,
sem som,
perdida manchete
para ouvidos e olhos
desmanchados
no milagre esquisito
do robô,

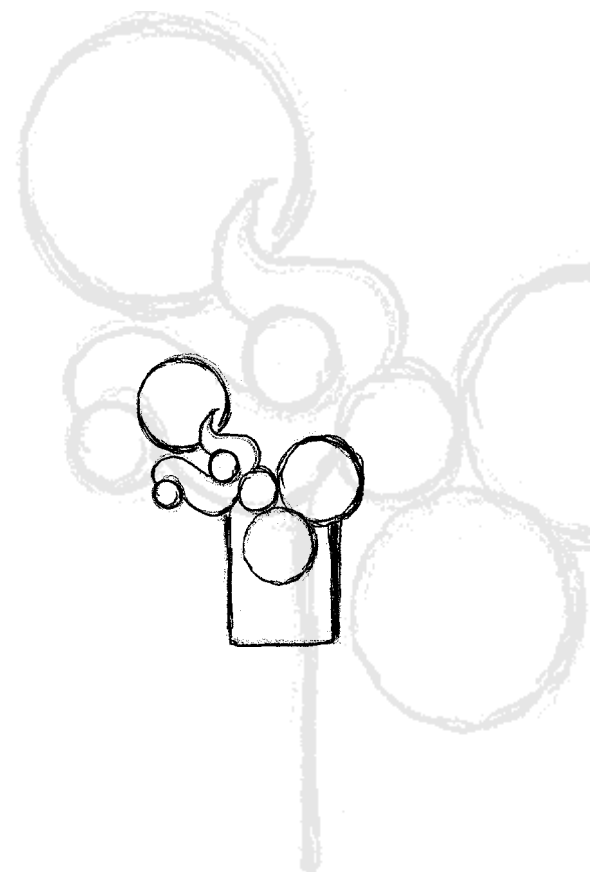


no sem sentido
dessas pernas,
desses braços,
dessas mãos,
dessas bocas
caladas,
sangradas
na fúria branca
de seus próprios dentes.

Volto.
E para completar
a triste reportagem,
fotografo o último
pássaro que passa
e vai,
bêbado de medo,
cair na armadilha.

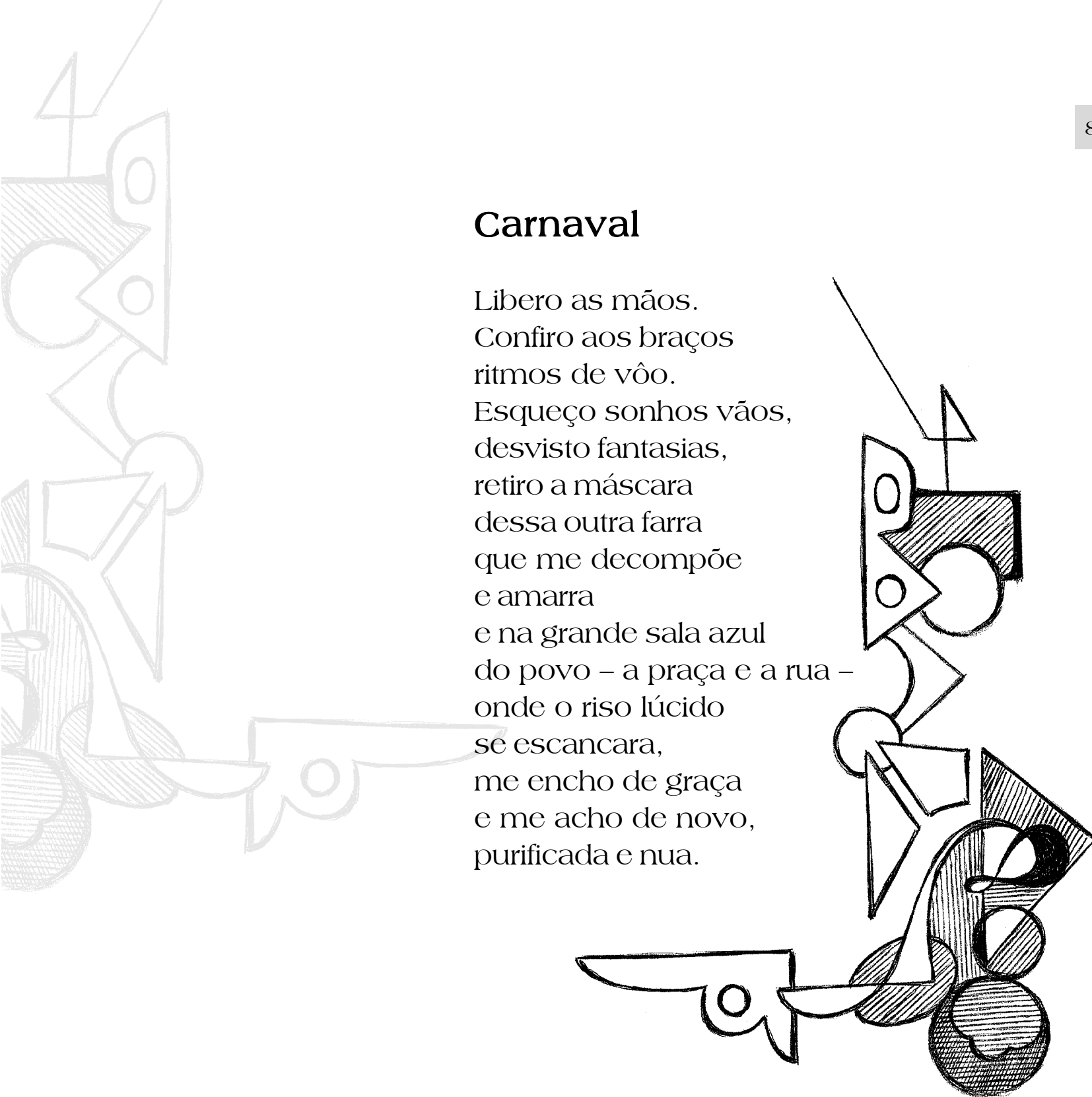
Manoel

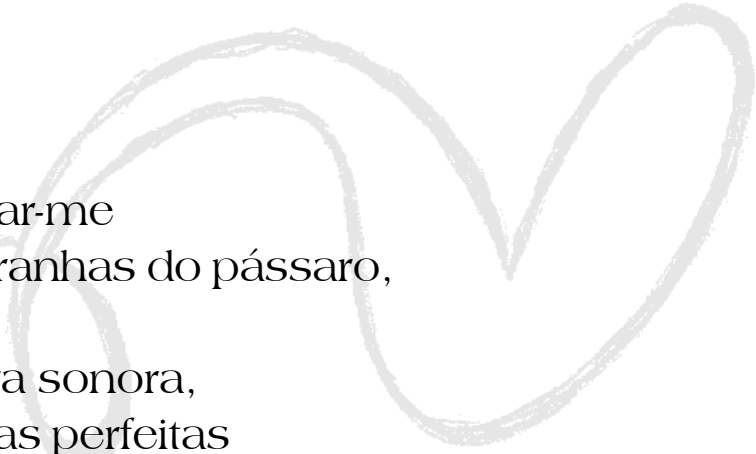

Bêbedo, Manoel,
bêbedo?!
E eu não posso
te condenar.
Sei lá
que sonhos,
que dramas,
que duro aço
cobrem a flor
de teus cabelos?
Sei lá
que soluços
interrompem a tua palavra,
que dores
vergam a forma frágil
de teu corpo?
Sei lá
que ânsias doidas,
que aflitas vontades
quebram a força
de teus dedos?
Sei lá, Manoel,
sei lá!...




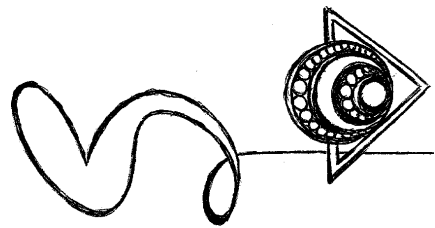
Carnaval

Libero as mãos.
Confiro aos braços
ritmos de vôo.
Esqueço sonhos vãos,
desvisto fantasias,
retiro a máscara
dessa outra farra
que me decompõe
e amarra
e na grande sala azul
do povo – a praça e a rua –
onde o riso lúcido
se escancara,
me encho de graça
e me acho de novo,
purificada e nua.





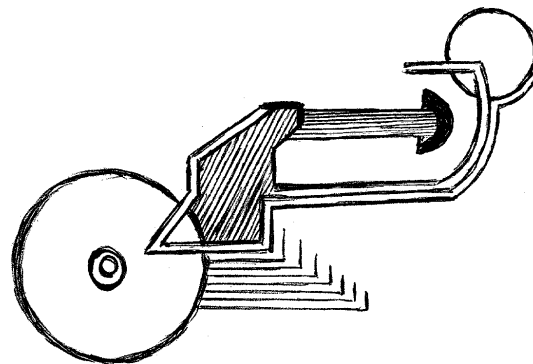
... buscar-me
nas entranhas do pássaro,
no sino
da pedra sonora,
nas patas perfeitas
da suçuarana...
encontrar-me
no vôo,
no som,
no salto
e compor meu silêncio.



Canção para o Camponês

Eu canto esse pé
que pisa a terra
e vai,
na altura da mão,
fecundar o chão.
Eu benzo essa mão
que reza a flor
e colhe o fruto,
e faz o pão
e pode ser
grito
ou espada,
fogo,
ou facão,
na hora
de dizer sim
ou dizer não.

Eu canto esse pé
que pisa a terra
e vai,
na altura da mão,
fecundar o chão.



Rememória

Éramos o sumo quente e verde
do infinito,
entre a semente e o fruto,
a flor e a terra.

Germinamos o tempo
em pólen de saudade
e busca,
num beijo de eternidade,
amor e pranto.

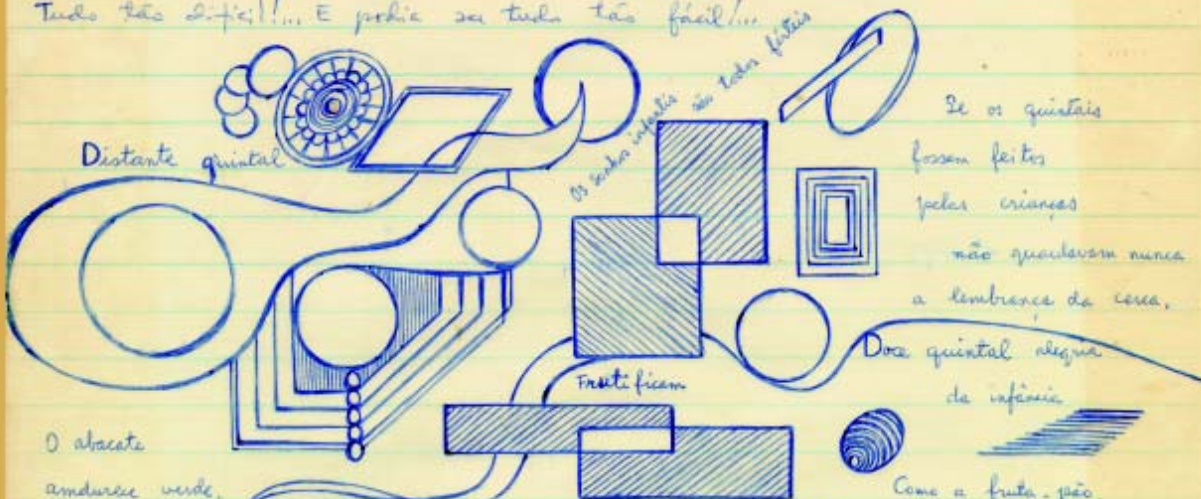
Chegamos outra vez.
E as nossas vidas então
são flor sem vento,
rememória do amor
na dor do desencontro.

Quintal Tropical

A dança, esse milagre da alma que explode o corpo como se fosse um ovo
que se fecunda para nascer um deus



Tudo tão difícil!!!... E poria ser tudo tão fácil!!!



O abacate
amadurece verde.
Fruta e fruto
da esperança.

Perdida alegria...

E se perde a alegria,
quando não se perde
a festa de uma laranja madura?!

Dona quintal alegre
da infância

Como a fruta-pão,
em verde-bênção.

Deus beijou
as abelhas
e as pitangas
e desenhou os divinos dentes
na polpa de uma goiaba.

Depois encomendou
às crianças
e aos passarinhos
o sabor da vida.

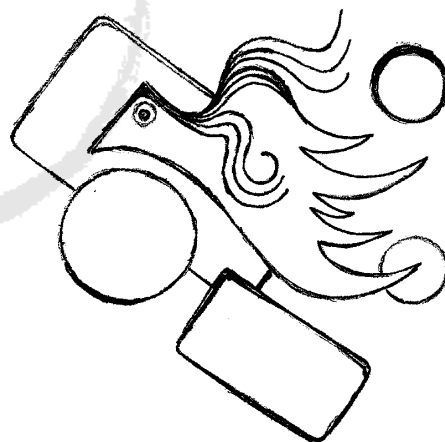
Quintal tropical

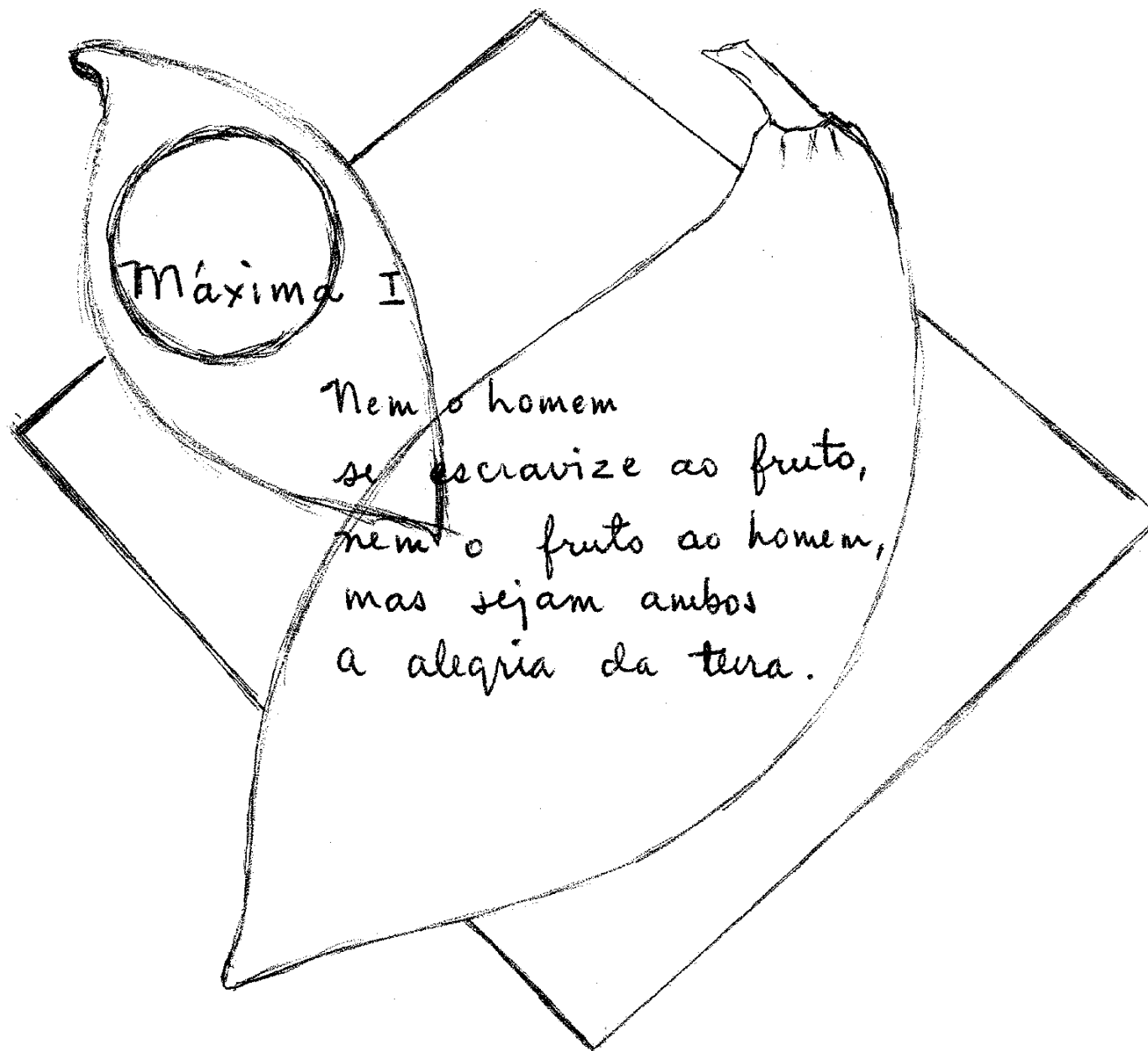


Se a carambola
tivesse dedos
tocaria Mozart.
Certamente.

Amemória
Síndrome de Savant

Soltei meus pés
no branco desse espaço.
Sou de penas
e asas,
como um pássaro.
Mas passo
a linha do horizonte
e vou.
Viajo sem fim
ao fundo azul
de meu lugar
e além de meu lugar,
sem limite,
sem pouso,
infinitamente além.
E infinitamente só.



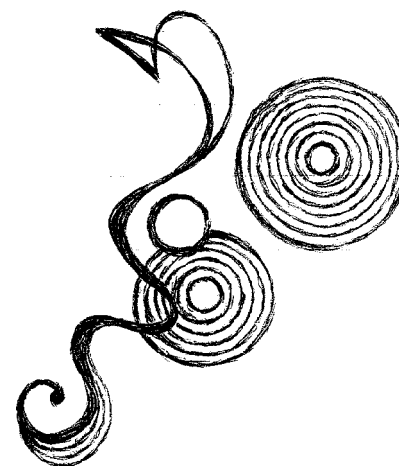


Sentencio-me.
O corpo verga e cai
sob o poder
do que não aparece.
Espanto-me.
E me descubro de repente
um animal
que não se conhece.

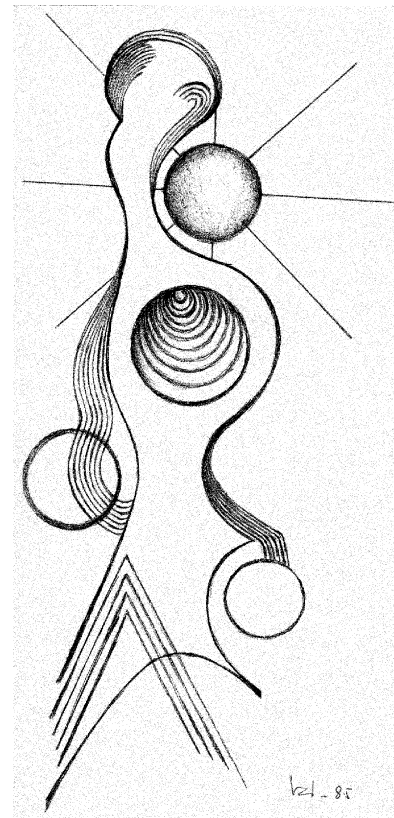
Dão-me cicuta
todos os dias.
E eu a bebo.
E não morro.
Porque só morre
quem não fica.



meus fósforos perdidos,
minhas células gastas
e apenas restos
de proteína em meus cabelos.
Eu nasço, sim, todos os dias,
nessa sensação
de estar saindo,
nessa dor no corpo
e nessa alegria da luz
para outras paisagens.



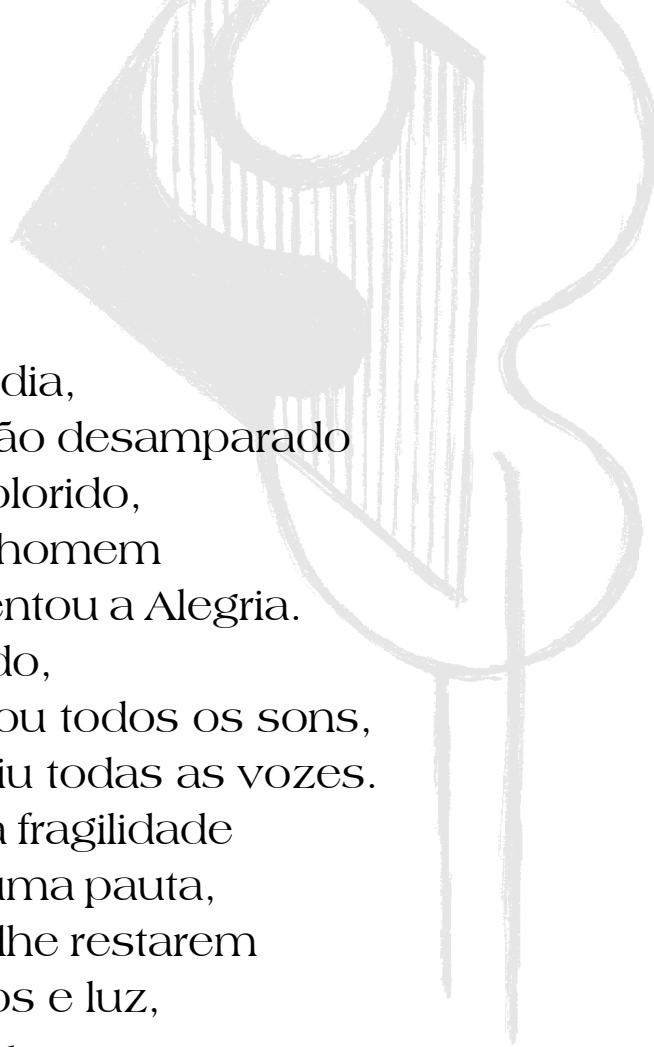
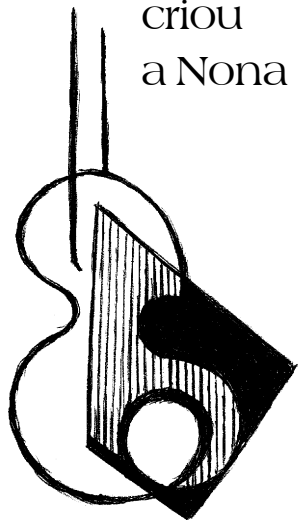
Os vagalumes desta noite
iluminam minha noite
e me emprestam
sua luz e suas asas.
Então, feliz,
a estrada clareada,
eu vou te ver.



Poema de amor para um antigo amado

Atravesso
o morno espaço
de teu corpo,
cumpro
a distância ligeira
de teus passos
e me componho
e me acho
e me refaço
e chego
na doçura infinita
de teus braços.

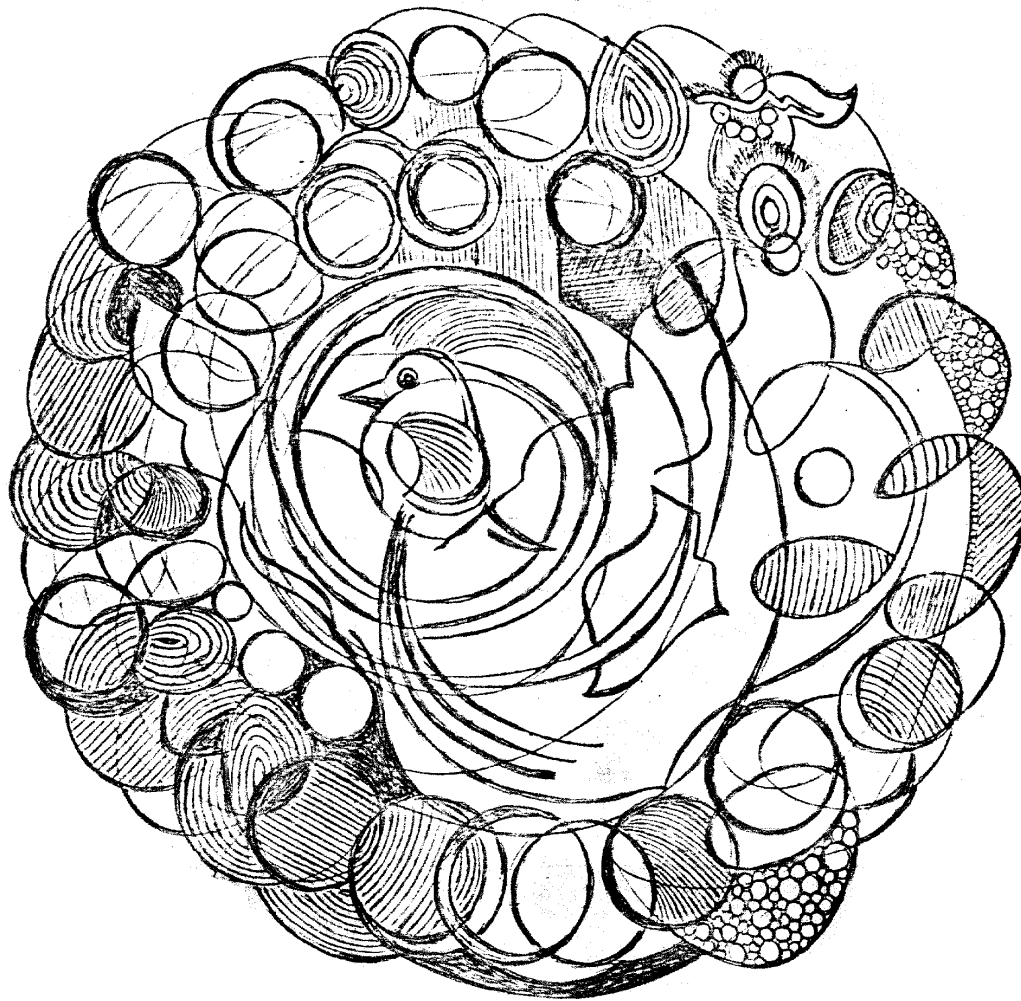
Um dia,
de tão desamparado
e dolorido,
um homem
inventou a Alegria.
Surdo,
achou todos os sons,
ouviu todas as vozes.
E na fragilidade
de uma pauta,
por lhe restarem
mãos e luz,
criou
a Nona Sinfonia.



Suicídio

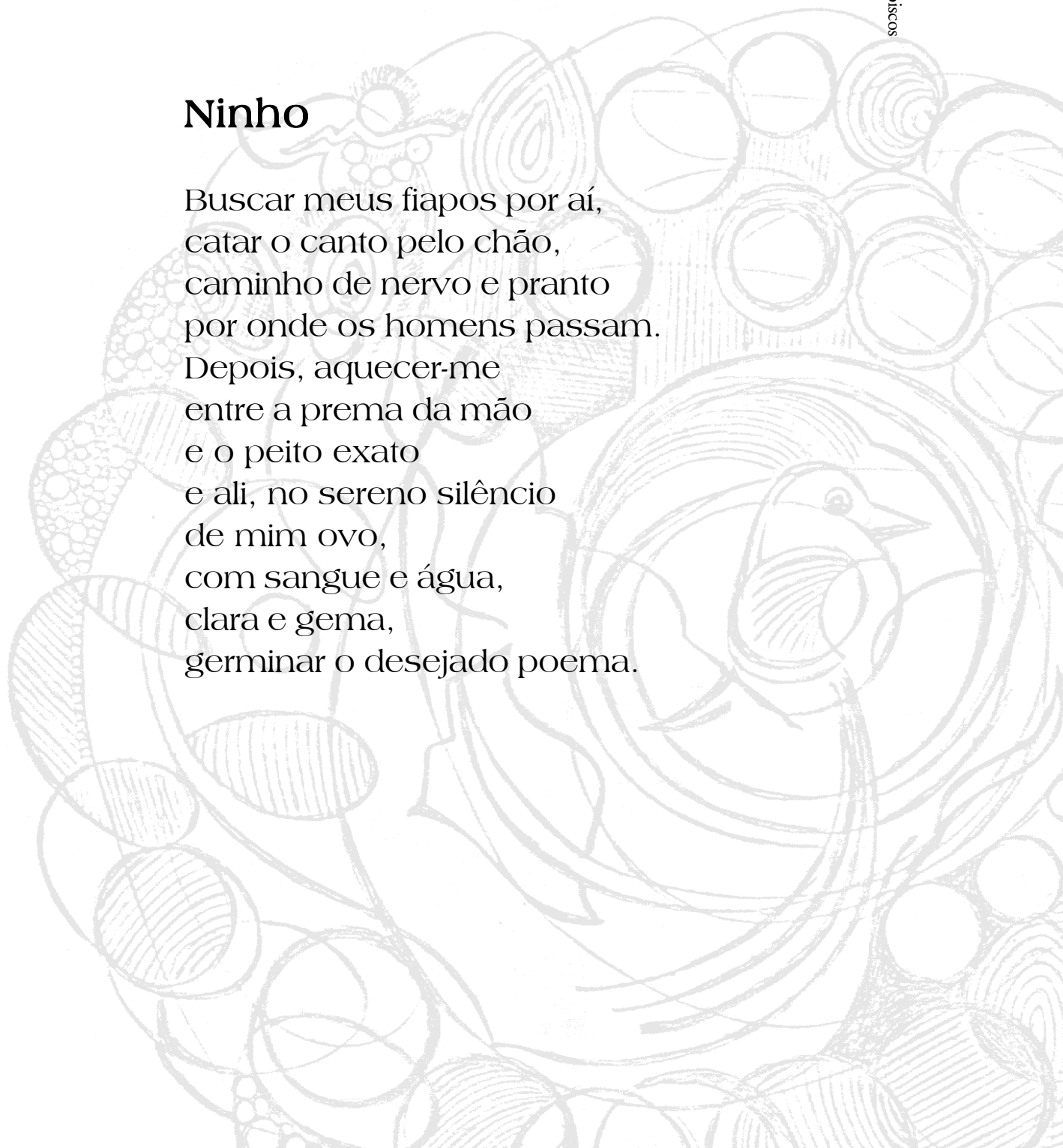
Riscar,
riscar,
riscar...
Riscar o espaço,
o chão,
a luz...
Riscar meu traço,
meu passo,
meu som...
Riscar quem sou.





Ninho

Buscar meus fiapos por aí,
catar o canto pelo chão,
caminho de nervo e pranto
por onde os homens passam.
Depois, aquecer-me
entre a prema da mão
e o peito exato
e ali, no sereno silêncio
de mim ovo,
com sangue e água,
clara e gema,
germinar o desejado poema.



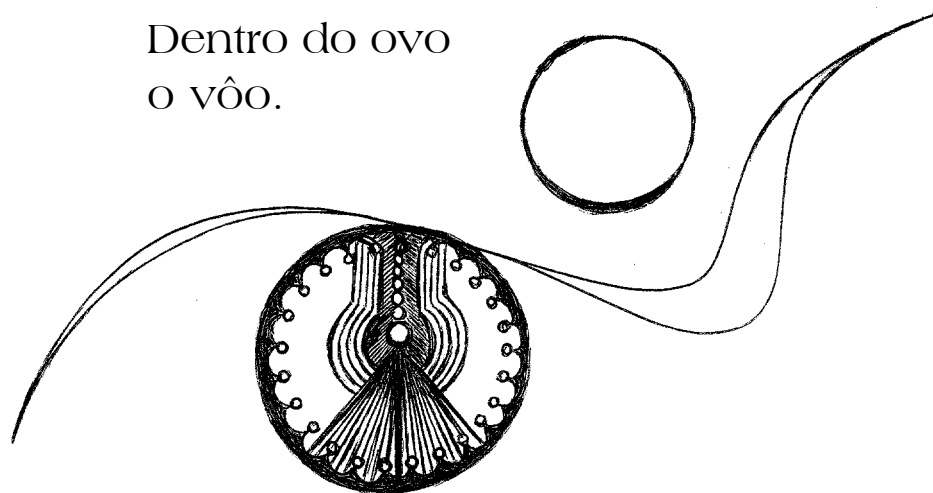
Explodido o ovo,
partido o morno útero
que te abriga,
estarás solto e só.
Do sistema perfeito
em que eras
universo e estrela,
indivíduo e todo,
vais ter que te achar
em teu próprio bojo,
medido em teu tamanho,
à cata de infinito.

Se lá
foste perfeito e todo,
aqui serás parte desligada,
imperfeito e só,
como era só o ovo,
antes da explosão.

Em tuas mãos,
na planta de teus pés,
o teu destino.
Mas terás que percorrer
um caminho parecido.
Só que dessa vez,
fora do corpo,
desmanchado em éter,
serás definitivo.

Poema para quem será
ou é nascido

Dentro do ovo
o vôo.





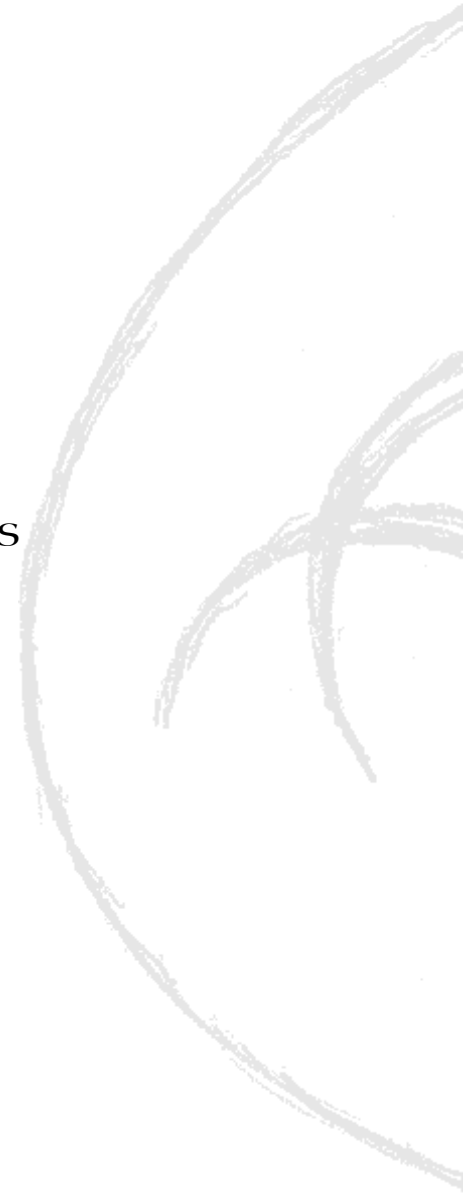


Chico Passarinho

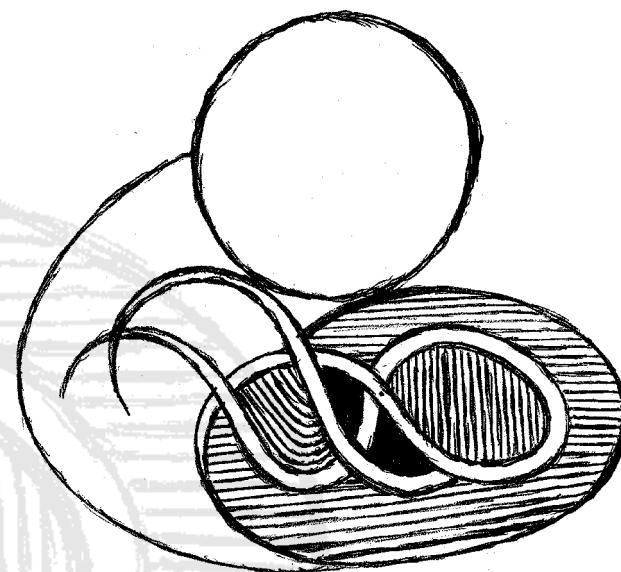
Como um passarinho,
ele voou do altar
e pousou em minha mão.
Depois,
com voz de Menino Jesus,
me ensinou a alegria
e me ensinou a cruz.
Tirou a minha roupa,
anulou esses ouros
com que enganamos
a beleza do corpo,
e me ensinou a pobreza,
e me ensinou a paz.
Cantou para mim
o Evangelho
e me ensinou
a revolução do amor.

Vigília

Acordo a madrugada
entre meus dedos,
abro o sol de minhas mãos
à luz
e desenho o contorno dos montes




Eu esvaí,
do ventre de minha mãe,
a luz absoluta,
para trazer
ao mundo
a claridade do amor.
Meu destino, pois,
é modelar espigas
e, no pão branco
do jantar dos homens,
criar a primeira comunhão.



Testemunho

Não,
eu não ouço
vozes.
Eu sinto
mãos,
eu vejo
gestos e gritos
nessas filas cotidianas
de remédio,
fome
e solidão.



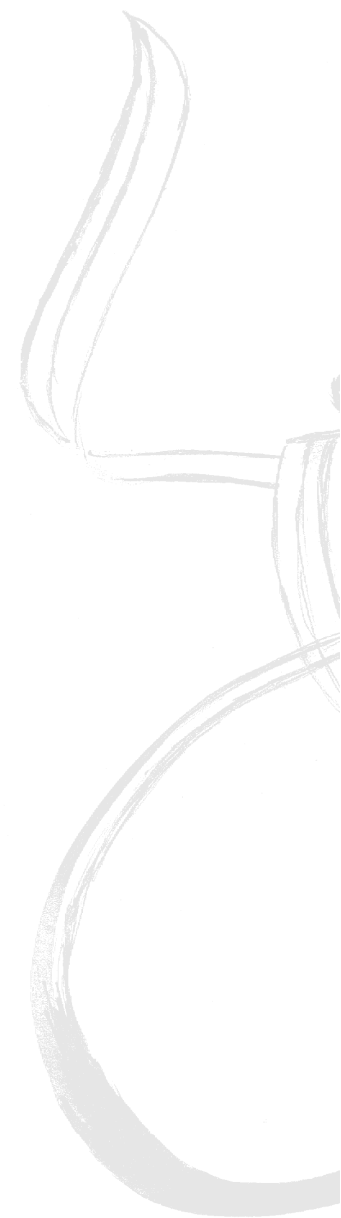
Meu delírio
é de paz.
A mim não me faltam
esses sonhos,
essas manias,
essas doidices,
esses beijos
que se dão
sobre todos os corpos,
todas as mãos,
todas as bocas amadas
dessas amadas pessoas
que eu acaricio,
na certeza
ou na ilusão
de minha humanidade.

Em mim
não há de faltar,
mesmo no claro dorso
de meus prantos,
ou no leve som
de meu sorriso,
um só que seja,
essa paz
de também ser
nos olhos
de todos os homens.



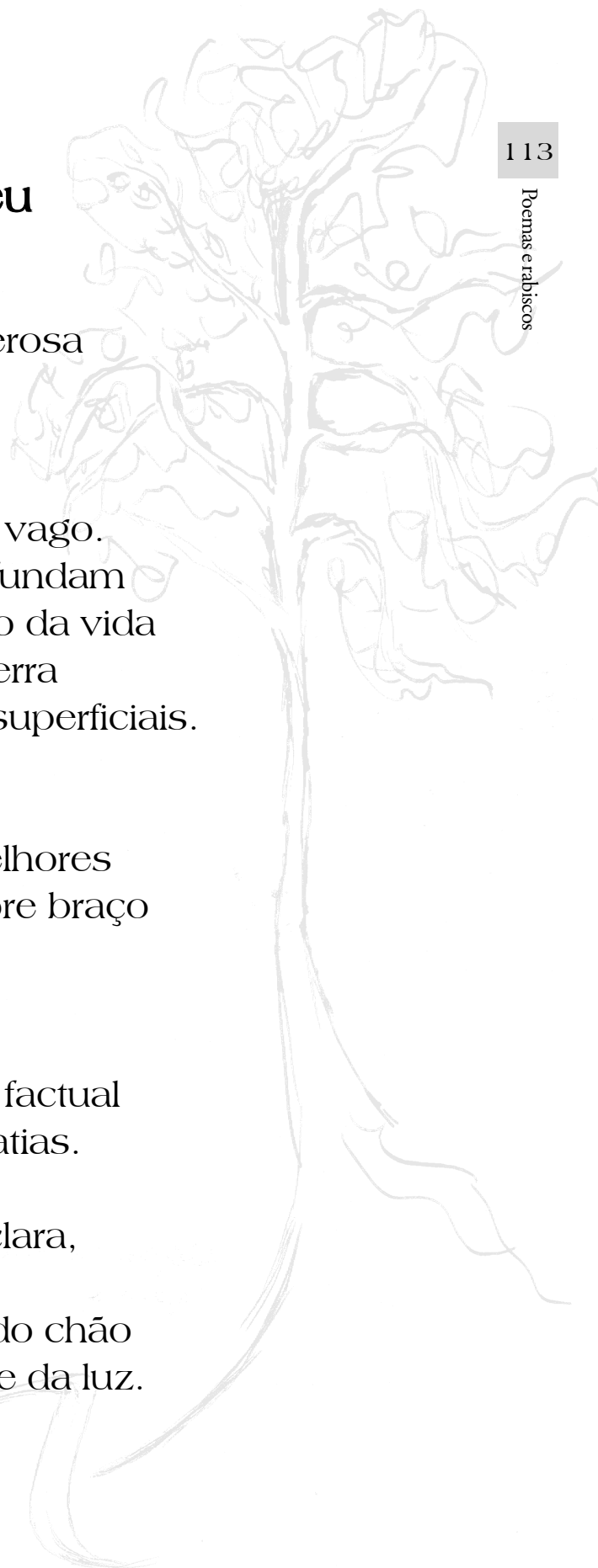
Ausência

Serei a marca
de um tempo convulso, sem sentido,
moído de negações?!
Trago lembranças de sangue
e sons estranhos,
de morte,
quebrando meus ouvidos.
Todos os espasmos
de dor
meus olhos guardam,
pelas cruzes
de fome
abertas no caminho.
Tenho espaços
de amor
entre meus dedos,
mas minhas mãos são secas
de presenças,
e são eternas,
vazias e eternas
como o tempo,
onde tudo cabe
e nada existe.



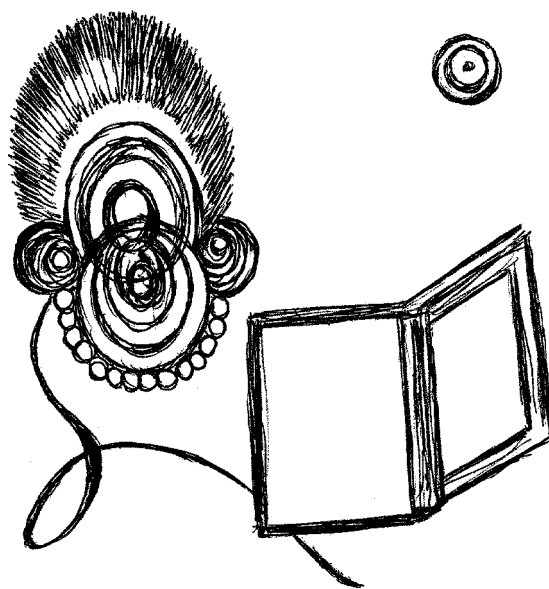
A árvore e eu

Que posso eu
na vontade poderosa
dessa árvore?
Sou menor
do que ela
e meu destino é vago.
Suas raízes se afundam
e buscam o suco da vida
nesse amor da terra
- meus pés são superficiais.
Seus galhos
se abraçam
e são braços melhores
de que meu pobre braço
que ameaça,
não dá sombra
e, se abençoa,
é na perspectiva factual
de minhas simpatias.
Eu tenho olhos,
penso que sou clara,
mas suas folhas
vêem o âmago do chão
e fazem a síntese da luz.



Na curva desse caminho,
entre o prazer e o susto
eu me aninho.
Apalpo as pedras,
me enrolo de vento e lua
e de repente,
como se fosse fruta,
me descobro nua.

A alma da cigarra
transparente
pousou na
Rosa e fecundou
o verso.



Eu
não
sei
do Passaro
mim que sou
de
na manhã

Para um menino suicida

um poema antropofágico
auto-antropofágico

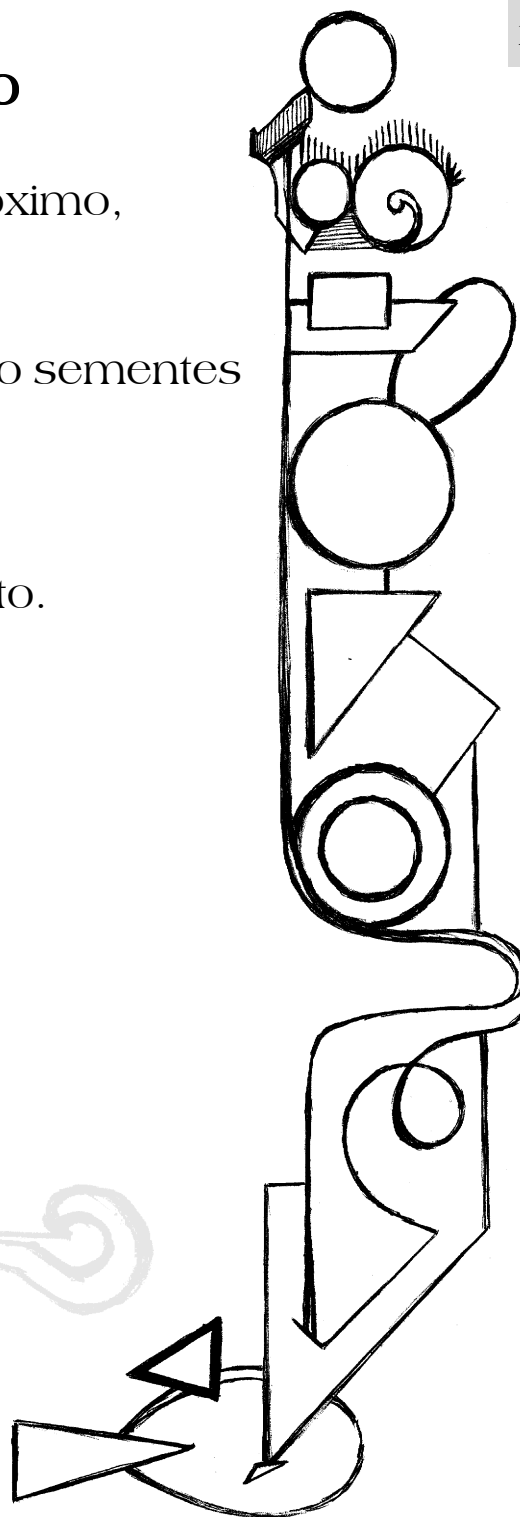
Tingem-se de sangue
os dentes brancos
do menino.
Ele comeu-se.
Abriu o peito
como quem rasga
uma velha lata
e comeu
suas próprias vísceras.
Tinha fome
de dentro
e de dentro
só achou a si mesmo.
Comeu-se.

Firmino

Sob um céu
de bonina
havia um rio
impossível.
Era um rio
de margens brancas
com menininhas azuis
cantando cirandas
impossíveis.
Do canto
impossível
das menininhas azuis
nasceu um poeta
impossível.
O poeta
impossível
inventou um bar,
uma paz,
uma cor,
um rio,
inventou um amor
e morreu
impossível.

Lixo Reciclado

Ali, no monturo próximo,
pela luz do sol,
na força da vida,
faço-me revaler feito sementes
e renasço árvores
e faço-me papel
e sou tecido e cor,
cartão e monumento.
Abraço de novo
o fruto,
volto ao mar,
adubo a terra,
retorno à mesa.
Recrio o verde,
reúno de novo
os homens.
Não, nunca saí!
Eu me consumo
e me crio
nesta Unidade
porque sou
fonte e voz,
mão e terra,
pão e sentimento.



Pitangas

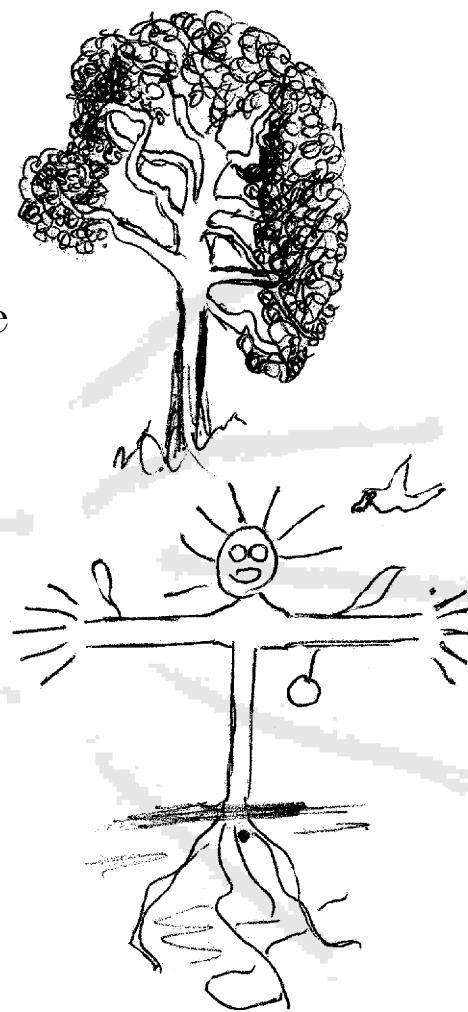
Um orvalho na folha,
uma abelha,
um todo de flores
como se fossem estrelas,
como se fossem luz...

Um sonho próximo,
próximas pitangas.

E em minhas mãos,
do parto branco
desta Primavera,
como quem reza
e canta,
esse som vermelho
e doce
que se toca
e come.

Espantalho

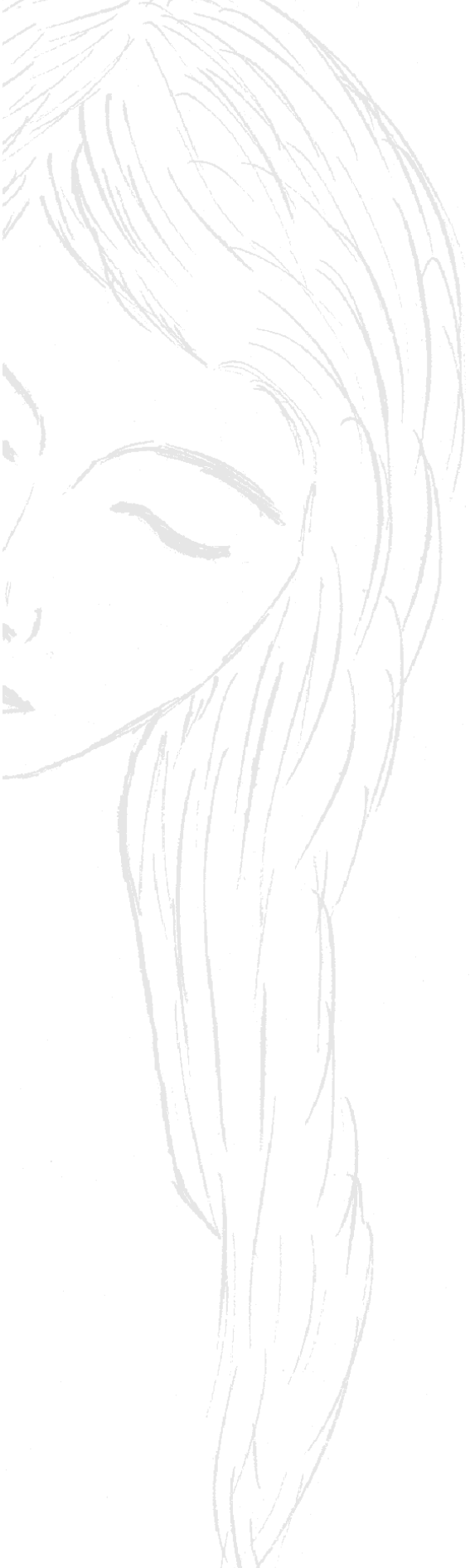
Espantalho eu sei
que sou.
Mas os meus braços,
abertos em cruz
e mesmo que de palha e
vento
se sustentem,
não querem o espanto,
a distância do pássaro.
Meus braços buscam,
na última agonia
de um amor sem jeito,
imaginar-se planta,
conceber-se galho,
desejar-se fruto.





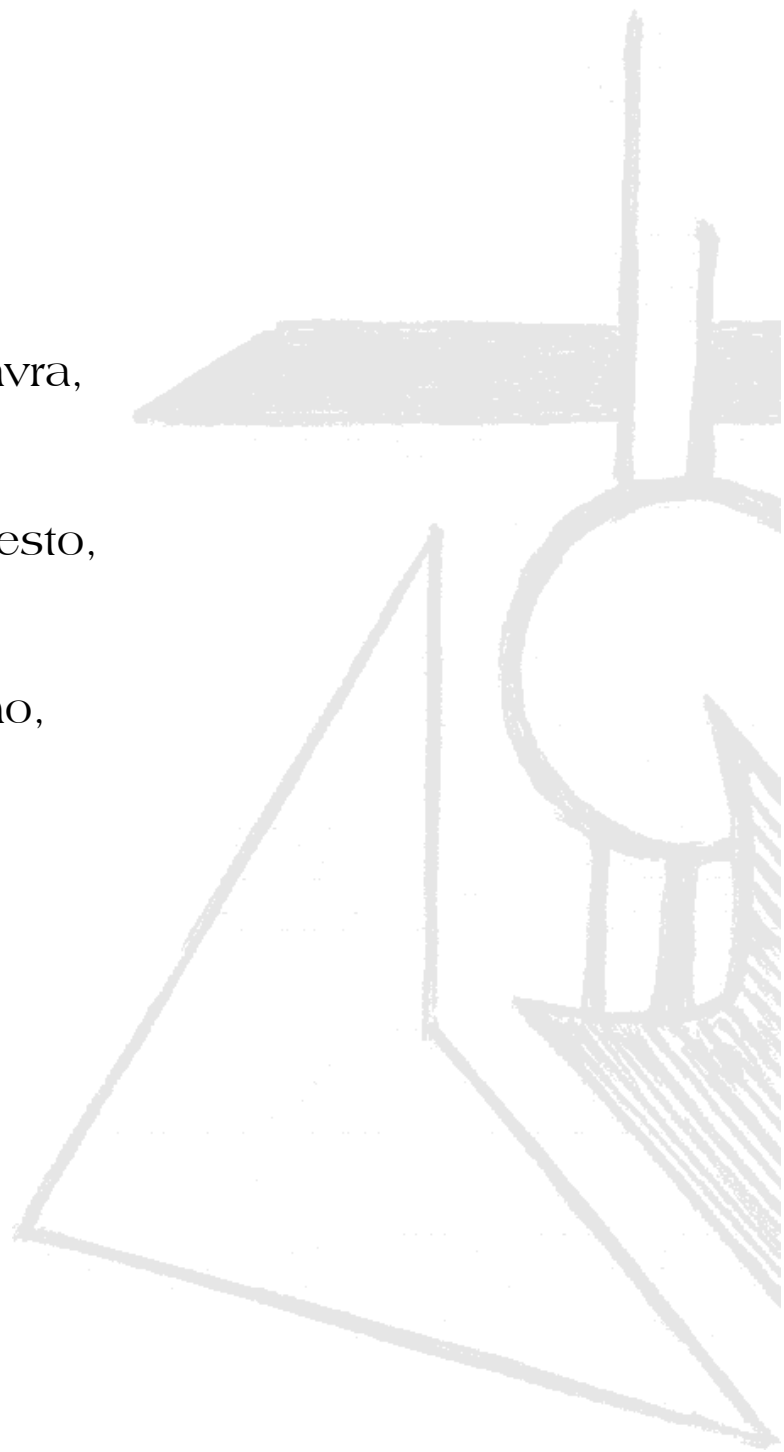
Ser

Não quero me ver
na fotografia.
Não quero contar-me
na história.
Quero ser.
Ser momento
no momento de ser.
Sem lembrança.



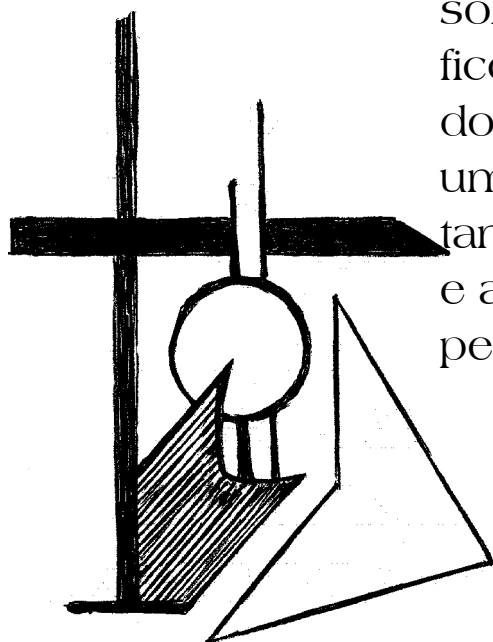
Poema 77

À boca
que se calou
no instante da palavra,
à mão
que se perdeu
no momento do gesto,
ao pé
que se partiu
na hora do caminho,
eu deixo
meu verso,
esse instrumento.
Que o verbo
se faça
— e então se crie
o gesto —
e no inteiro
passo
se desenhe
um destino.



Epitáfio

Levo da vida
muita coisa:
olhos cansados,
pés retroativos,
uma doida ânsia
de sinceridade,
desilusões,
paixões que não se fizeram,
muita busca,
desencontros,
verdades falsas
sobre séculos que não sou eu,
ficções de alegria,
dores fixas,
um velho corpo atropelado,
tantas mentiras
e a expressão de meus sonhos
perdida em verso.





Retomemos...

*... é preciso dizer... é preciso liberar o grito
desesperado de todas as nossas imprecisões... é
preciso abrir o peito, soltar o coração, emocionar a
razão e, na palma da mão, colher uma saliva
menos amarga, sem esse gosto de sangue, como se
da raiz da alma brotasse hemoptise...*

... socorro!...

... é preciso dizer...GRITAR!



RETOMEMOS...

Pego qualquer papel, o que estava mais à mão, porque hoje eu só quero, ou só desejo, porque é mais verdadeiro, retomar, retomar tudo que me tem tomado o fôlego, o gosto do chute, o gozo da vida e de mim. Preciso mesmo me perdoar... perdoar minhas palavras engolidas, meus silêncios... perdoar essas distantes paisagens, esses abismos, meus vales depredados, minhas águas poluídas pelas morais legais que me foram impostas por todo este amontoado de sucata e brunguçosos que chamam de progresso e civilização ou, pior ainda, de sociedade organizada. Meu Deus, quem me dera ter continuado selvagem, sem sarampo, sem gripe, sem úlcera de estômago e sei mais lá o que!...

... retomar meus desejos, meus sonhos, minhas saudades de mim, minha inocência, minha dor na própria topada, esquecida, depois, na dança do meu corpo virgem com as árvores, os rios, os pássaros...

... retomar minhas mãos descobrindo a pedra, minha boca desabrindo a água, meus pés na vereda do alimento, como quem busca a alegria, a própria alegria de viver...

... retomar meu primeiro medo e escapando para cima, ou por cima, e não pelos lados, voando e não correndo... sair do meio sem o perigo das extremidades, onde se encontram os abismos e aí as quedas irremediáveis...

R

etomar...

... ah, eu acabo de chegar de terras tão longínquas!... e tive que vencer labirintos e abismos para encontrar o retorno. E aqui estou. A experiência doeu muito, comeu meu corpo, fez de meus olhos barcos à deriva, quase naufragados, afundados no sal desses mares mortos, densos, por onde as sereias não passam e algas não vivem, mas valeu... De alguma forma valeu. Pelo sabor, pelo gozo de, na volta, reencontrar o verde, o doce da água que eu bebo como se estivesse renascendo, a luz que desenha aquele passarinho que passou ali, voando, para ir comer uma pitanga ou entrar no ninho...

Retomar...

... retomar o passo, esse laço com o chão onde as sementes nascem para me dar em sombra e frutos, pão e chá e tantos caminhos para eu andar, buscar uma flor ou um amigo, uma palavra... ou simplesmente o silêncio onde fecundo meus sonhos.

Retomar...

...retomar os meus próprios dedos, minhas mãos rabiscando o que parece não ter sentido, mas revela minhas ausências, minhas culpas, minhas falhas, meus espelhos, minhas saudades... meus dedos cortados, às vezes tão pobres, trêmulos, feios, velhos, mas tão fortes que trazem de volta a minha infância e a minha inocência...

Retomemos...

... acordar, escolher de novo viver com as sensações imediatas e, no trânsito do dia, conviver com o hábito, a rotina... a chatice da vida... compulsivamente, por acréscimo moral, buscar o trabalho, isso que o homem transformou em indecência... sujar as mãos, cansar os pés, fazer lama sobre o mundo, acrescentar o inútil, o dispensável, o supérfluo... e no fim do dia, estupidamente orgulhoso de sua própria estupidez, achar que ganhou a vida...
... duvidosa vida, quebra-cabeça de cabeça pra baixo, uma viagem sempre para fora, como o nariz de um míssil furando o espaço para espatifar-se espatifando... ah, os patifes do progresso!... patifes da vida!...

... depois, quando se dorme, o sono e o sonho são também duvidosos, disfarçados, indiretos, complicados, como se fosse proibido ver o dentro, a verdade, o saber, a inocência...

... quem me dera entrar por mim a dentro e lá, na longínqua distância de meu sol, achar minha inocência, meu ser que sabe!...

Retomemos...

R... essa tristeza, essa mágoa indefinida, essa dor que a gente não sabe de onde vem...

Retomemos.

... acho que estou atrasada em alguma coisa – algum passo, algum ritmo, algum sorriso. De repente parece que há um buraco, um vazio, que houve um momento em que não vivi... ou que me perdi na estrada e andei por vales despovoados e secos, sem a perspectiva de um planalto.

... coisas se passam pela minha cabeça... não, não é como se fossem sonhos ou desejos – passam assim rápidas como um relâmpago e explodem pela mão nestas coisas que digo, às vezes tão sem nexos... e eu não sei se estou me achando ou me perdendo cada vez mais, deixando mais distante ainda, na esticada da corda, o nó que ainda me prende. Bobagem. Não penso em loucura, pois há muito tempo tenho consciência de minha esquizofrenia - consinto-a para sobreviver... peguei-a como um vício ou uma nave sempre à disposição. Só sei que viajo. Só sei que vou e que encontro mundos muito diversos, mas que são todos mundos deste mundo, mundos de mim... pois se não há outros mesmo!...

... não, não há qualquer choque entre a poesia e a filosofia... é... acho que uma compõe, compreende a outra. E não se dispensam. Os gregos talvez tenham sido tão brilhantes porque sabiam disto e a maioria deles, principalmente os mais importantes e “sábios” – os pré-socráticos e os socráticos – desenvolviam seus temas, suas “teorias”, através de uma linguagem muito próxima da “poieses” (de Homero).

Retomemos...

... sinto-me à margem do pranto – não choro mais, perdi a liquidez da dor que me tem trazido verdadeira nesses passos trôpegos, nessa voz já tão sem cor... não sei mais de que me faço ou para que vim, nem se desejo ir ou ficar. Perdi o próprio desejo.

Somente o velho corpo anda, mexe-se com esse resto de pés e pernas insistentes, colados na teimosia de viver. Estou em branco. Volto ao silêncio e nada encontro... meu silêncio ficou estéril.

... a Voz... ah, meu Deus, eu matei a Voz! Nesses caminhos trambiqueiros da moral, talvez para salvar um nome – esta besteira – eu preguei a Voz no fundo do poço. A Voz, meu único sentido, minha universalidade, o que me criava una... Agora que a crucifiquei, estou em pedaços, dividida no absurdo desequilíbrio que gera os loucos e os assassinos.

... é ... e não tenho mais força para descer, tirar os cravos, libertar a Voz e de novo aparecer como um pouco de luz revelando o mundo.

Retomemos...

... de repente viajo, vou, escapo do instituído ou institucionalizado.

... faço-me rebelde e não me nego pela dúvida, mas me afirmo e afirmo pela intuição (“into”-ição) esse içar-me dentro, direto ao que sou em o que é.

... confesso estranhas sensações, descubro termos, expressões sem compromisso lógico... caço o impossível...

... descubro a falta, a falha, a fenda, o encobrimento do real... real do que me faço e faço realidade, quando me cato e me acho nele e ele em mim...

ou sujeito do mesmo objeto... eu, sujeito, sou objeto ejecto buscando voltar.

§

III é preciso vencer
verdade como poesia
essa besteira num
imaginária, mas a
tudo que não
do alim
corpo que
vai fertiliza
que a gente
de tão fantástico p
bos não podem v
III é lindo faz

Retomemos...

... ecoa dentro de mim o grito de mim... o grito de mim... princípio e fim... o choro de mim... saudade da plenitude original, transplantada para o útero onde eu, semente de unidade, germinei... nenhuma distância, nenhum conhecimento... só a morna unidade, essa ontogenia de ser-todo em minha mãe... nenhuma ausência... depois, esse eco... angústia de retorno, desejo de re-chegar, enquanto me debato nessas paredes de pedra... pedra que então medra como se fosse o ponto de rebate para a volta... ricochete de dor... dor de sair e dor de estar... estar, agora, não em, mas entre... entre que me entra em todas as ausências... falha, buraco... todos os destinos... porque não me desato... e se me afeto, atada, sem fiapos que me levem além, onde possa re-fazer-me onto-ontem-de-mim, sou nada...
... o nó da partida é o nó que se desata... e só então existo... depois me canso e quero reatar-me. É o que busco... ser...
...ser em busca de mim porque, livre, me perdi.

RETOMADA¹

Este trabalho é uma experiência poética como exercício de espontaneidade criadora profunda, para dar-se à luz de psicanalistas, estudiosos do fenômeno literário e da linguagem e teóricos da Estética. Há, nele, um esforço de expressão meio lacaniana como método para deixar aparecer o mais verdadeiramente possível a espontaneidade, o broto livre que vem bem lá de dentro, sem pelo menos grande interferência daquilo que a gente chama de consciência. Porque há, para a autora, uma questão ainda não definida: o que será a consciência - o que me faz saber que existe ou o Inconsciente, que se poderia entender como a Consciência aprisionada (embora às vezes, rompendo todas as barreiras, se expresse), do que sou?

¹ "Retomada", in *Revista FESPI* ano II, no 3, Jan/Jun: Ilhéus: 1984. Por sua importância enquanto auto-reflexão poética, a sua reedição justifica-se devido à *Revista FESPI* ter sido de pequena circulação e estar, há muito, esgotada.

Retomemos...

Há dias, ou há momentos em que o silêncio me toma, me leva. O silêncio não da Voz, mas da palavra.

(Deixa-me dizer “loucamente” tudo, sem a obrigação (social? lógica?) da linguagem. Dizer como se o silêncio chegasse à mão e libertasse o gesto absoluto, mesmo que esse silêncio ou esse gesto só possa ser traçado, no espaço, na conformidade da palavra).

Retomar-me sem que me tome nada de anterior senão a própria “prisão” da palavra... Da palavra que finge que me liberta... Mas não é a palavra que me liberta, é a voz! Não a voz, a simples voz, um som emitido pela competência de um aparelho fonador, mas a Voz, a VOZ, aquilo que sem dúvida não me antecipa, mas é certamente o que me diz. A Voz...

Esse silêncio que chega aflito e, precisando do grito, tem que inventar o som...Terá sido assim que nasceu a palavra.

Digo sem nexos, mas a palavra ainda é forte ...

Não, não é a palavra que é forte, é a Voz, que cria o nexos, que encontra o elo (perdido?) entre o gesto, o grito e... e o som que se fez palavra.

Retomemos...

Preciso dizer-me como se sonhasse...



lho fixamente para a superfície toda azul de um lago, que se confunde com todo o resto azul. Não há fronteira, linha, limite ou horizonte – é tudo uma coisa só e o silêncio é absoluto... Descubro que o silêncio é o espaço sem limite, o tempo desfeito. Não me vejo. E não sei se sou um pássaro, um peixe, ou simplesmente a água inaugural. Nada sinto – nem aflição, nem ansiedade, nem tranqüilidade. Nada experimento. De fora do sonho, entretanto, represento-me ser... Ser-em-mim sem, contudo, qualquer “impressão” (sensação?) metafísica de ser. Como se fosse o nada. O nada... De repente estou de novo aqui, existo (crio-me!), tomo consciência do que digo e vejo, me retomo no espaço-tempo de minha consciência, com todos os traços de minha ligação ontossomática (existe este termo? Não sei, mas não faz mal – não quero é perder o elo, o encontro de minha nascente com a fonte – profundidade e superfície...). De repente descobro que a palavra é bênção e brisa... E asa. Pode não dizer, pode trair o gesto, a Voz, mas leva o que brota: o som, imaginado que seja, da nascente, no som concreto da fonte. De repente também descobro que o poema nasce do silêncio, ou da Voz que se liberta no gesto... ou na palavra, instrumento ainda. Calar... Talvez eu quisesse apenas calar, como uma pedra, e justificar o silêncio. Talvez eu esteja com vergonha – triste contingência! - de minha esquizofrenia, essa viagem. Retomemos... Soma... Somatizar... Tomar no corpo as porradas da

mente... Bem feito! Quem manda?!...

Mente que mente?... Ou verdade íntima que se intimida e, encolhida em seu próprio fosso, arrebenta-se, explode-se?...

Soma... Somatizar... Até somar! Trazer à tona bolhas infinitas... Tomar no corpo as queimaduras... Sofrer o que não era para sofrer e, contudo, viver. Viver... Que milagre!... No entanto, adir a dor... Que mistério!...

O homem é um animal que se inventa e, inventando, se desconhece. Dobra-se às suas próprias leis, inventadas, em vez de trazer à fonte as leis próprias de sua substância humana. Daí essas bolhas, essa gripe, esse sarampo...

Soma... Somatizar... Somatizar é defender-se. É como se fosse uma raquete devolvendo a bola pro outro lado, com todo o poder violento do braço, toda a substância da mão...

Ih!...

Vontade de dançar. Vontade de dançar?!...Sim, é possível. Dançar é a alegria do ato de viver... Um ato que dói... E a dança alivia. É o corpo somado à divindade. Dançar é crer com o corpo.

Dançar... De repente me vem uma expressão virgem: dançar é o Belo, esse algo que não se descreve, o gesto puro no corpo de Isadora, a Voz diretamente explodida, exatamente como um ovo fecundado que, sem dúvida, emite a música inicial, cria a luz e o som para então, na dor da existência, nascer a palavra – uma forma de dizer a VOZ, o grito inevitável.

Retomemos...

Rabisco... Rabisco retas, curvas, espirais... Como se

estivesse no “mundo das idéias”... E aparece de repente essa forma de abacate... Um abacate, que coisa poderosa! Ele me traz todos os quintais da infância. E de repente, quase que bruto e ao mesmo tempo lúcido como um raio, nasce um poema:

*Deus beijou
as abelhas e as pitangas
e desenhou os divinos dentes
na polpa de uma goiaba.
Depois encomendou
às crianças
e aos passarinhos
o sabor da vida.*

E outro poema:

*Se a carambola
tivesse dedos
tocaria Mozart,
certamente.*

Mas que doidice é esta?!

A Voz tira a lógica, o juízo, desregula o comportamento do vocabulário. A Voz, no poema ou no gesto, cria o “milagre” humano... A palavra é apenas via, instrumento, acidente.

Retomemos...

Li, ou ouvi, ou inventei, não sei, que a luz é invisível. Não compreendo muito bem este fenômeno, mas minha fantasia (?!...) se fascina. Se a luz é invisível o que é que acontece com os meus olhos?! Eles

inventam, adivinham a luz?! Mas e a luz que Deus mandou que se fizesse no primeiro dia?! Seria essa mesma luz invisível? E agora me bate uma questão transcendental: antes do “fiat lux” era a escuridão?!... Não, não pode!... Antes do “fiat lux” devia ser a LUZ, a Absoluta, a que se explodiu para dar-se em raios luminosos – o que vejo – e, iluminando o Nada, criar o Universo...

Retomar...

De repente tomar... tomar posse da Unidade...

Saber (ou sentir?...) que a chuva e eu não nos separamos, somos Um, embora diferentes, e que assim eu chovo e a chuva me respira, assume minha água... a água que sou... o meu vapor... o meu corpo agitado. Sentir, portanto, que a chuva me pode... e eu posso a chuva!... Sentir que o equilíbrio eu-chuva, chuva-eu, quebraria o furor das enchentes e a impiedade das secas...

Retomar...

Retomar a inocência, a alegria vegetal do oxigênio e retomar-retornar à luz da verdura do mundo-terra, fotossíntese fazendo clorofila.

Retomar...

De repente sentir um intervalo, um vão para atravessar e não encontrar a ponte, a ligação... De repente esse nó antigo, amarrado e amarrando, fechando a porta... (lá ou cá?...). E a verdade é sempre o que precisa ser revelado, desvelado, libertado, como o David saindo da pedra...

Retomar...

Tomar o leme, a direção... Foi inventado que é preciso tomar o leme, a direção e desenhar o traço e

o espaço da viagem, para que ela seja precisa...
Quem, porém, determina essa precisão?!... E o que
será mais saudável: a precisão ou a aventura da
viagem, a travessia feita a nado, o acaso descobrindo,
no susto ou na alegria, cada espaço da distância, a
proximidade da margem?!

Quem disse que é preciso ser preciso?!...

Retomemos...

... ah, esse nó no estômago, essa angústia, esse não
sei que de nada!... Onde retomar-me? Em que coice
ou em que afago, ou em que espaço vazio,
desocupado de amor tão necessário e ao mesmo
tempo tão accidental?!...

Retomemos...

... essa agonia, esse medo de morte e fome
iluminando esses olhos já sem luz... esse abandono, a
solidão entre os braços que se apertam sobre si
mesmos com a precisão do amor que não gerou... que
não gerou nem luz, nem outro e abortou o sonho, a
espera, o encontro...

... o corpo é como se fosse palha seca que no vão da
rede o vento abana na esperança do fogo, perspectiva
vã de caldo e vida...

... depois os dedos se fecham, os ossos endurecem as
juntas, da boca jorra essa água inventada que o
corpo já não tem – esse vômito de nada, náusea do
último suspiro...

Maaãeee!... o grito derradeiro pelo afago, o peito, o
leite...

... mas a mãe que houve no desespero de cacto
furando o chão, buscando a gota escapada que se
seca no ar inútil, já não ouve....

Retomemos...

Sonhar... Trazer-se verdadeiro como em tempo de raízes, garras, patas...Trazer de lá o olho colado à luz, o corpo indiferenciado, ou esse nó mais próximo e tão difícil que se desdobra em cortina e palco, autor e personagem...

Sonhar... Revelar-se até a primeira substância, o milagre desse caldo que gerou o amor quando gerou a vida...

Sonhar... Sonhar é desejar... Querer... Não, querer não, que querer é desejo moralizado... É só sonhar, como se fosse voar...Voar para dentro...Voar por dentro...

Sonhar... De repente parece que só do sonho é possível criar... E criar é revelar-se... Revelar-se Narciso?... Água e face... Depois, a mão buscando no espelho o corpo impossível, a primeira imagem...

REFERÊNCIAS

**MATERIAL PRODUZIDO PARA
DIVULGAÇÃO DO PROJETO**

Cartaz: Tamanho: 0,40m x 0,60 m; Papel: couchê; Apresentação em preto e branco, com marca d'água (divulgado na comunidade sul-baiana e disponibilizado na internet: www.uescba.com.br/projetos/literatura).

Folder: Restauração: Um canto brasileiro (poema e desenho, inéditos) Formato 0,19 x 0,30m com duas dobraduras; papel: couchê; apresentação em preto e branco. Divulgado nacionalmente, inclusive nos Congressos e comemorações relativas aos 500 anos do Brasil.

Painel: Tamanho: 2m X 2m; Com material produzido em *glossy paper*, constando de *poemas* manuscritos (scaneados e digitados), fotos e desenhos (*digitalizados*). Periodicamente revisto e acrescentado. Apresentado em Seminários da UESC e em escolas e eventos culturais nas comunidades de Ilhéus, Itabuna e Una. Apresentado nos Congressos da SBPC, em 1997, 1998, 1999, 2000.

RESULTADOS PARCIAIS PUBLICADOS

1996

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Manuscritos Poéticos de Valdelice Pinheiro. *III Seminário de Pesquisa da UESC*. Ilhéus: UESC, 1996. (disponibilizado: www.uesc.br/projetos/literatura).

1997

BARRETO JR, Manoel; SOUZA, Marcos Aurélio; SANTANA, Marley; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto Simões (ori.). Edição Crítica: Manuscritos Poéticos de Valdelice Pinheiro. *I Congresso das Universidades Estaduais da Bahia*. Salvador: SEC-Ba. 1997. Paineis.

1998

BARRETO, Manoel; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto (ori.). Estudo da *experiência* de Valdelice Pinheiro, a partir de seus manuscritos inéditos. In: *II Seminário Anual de Iniciação Científica da UESC - Resumos*. Ilhéus: UESC, 1997.

SANTANA, Marley; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto (ori.). Aspectos da *vivência* e seus reflexos na obra de Valdelice Pinheiro. In: *II Seminário Anual de Iniciação Científica da UESC - Resumos*. Ilhéus: UESC, 1997.

SANTANA, Marley Conceição. **Aspectos da Vivência e seus reflexos na obra de Valdelice Pinheiro**. III Seminário Anual de Iniciação Científica da UESC/ PIBIC/ CNPq, Livro de Resumos – Ilhéus: Editus, 1997, p.21.

SANTANA, Marley Conceição. **Expressão Poética de Valdelice Pinheiro**. 49ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC: IV Jornada Nacional de Iniciação Científica - SBPC /UFMG, 1997.

SANTANA, Marley Conceição. **Manuscritos Poéticos de Valdelice Pinheiro**. I Congresso de Pesquisa das Universidades Estaduais do Estado da Bahia: Perspectivas da Pesquisa na Bahia: Crescimento Econômico e Autonomia Científica. Salvador – Bahia, 1997.

SANTANA, Marley Conceição. **Vivência: “Este chão sou eu”- Valdelice pinheiro**. IV Seminário Anual de Iniciação Científica da UESC/ PIBIC/ CNPq, Livro de Resumos – Ilhéus: Editus, 1998, p.24-25.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. A Literatura da Região do Cacau: a obra poética de Valdelice Pinheiro. *XIII Encontro Nacional da ANPOLL*. Salvador: UFBA, 1997 (publicado nos Anais). Reapresentado no *IV Seminário de Pesquisa da UESC*. Ilhéus: UESC, 1997. (disponibilizado: www.uescba.com.br/projetos/literatura).

SOUZA, Marcos Aurélio; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto (ori.) Publicados e inéditos impressos. In: *II Seminário Anual de Iniciação Científica da UESC - Resumos*. Ilhéus: UESC, 1997.

1998

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Do Regional ao Universal: a produção poética de Valdelice Pinheiro. *V Seminário de Pesquisa da UESC*. Ilhéus: UESC, 1998. (Disponibilizado: www.uesc.br/projetos/literatura).

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto; SANTANA, Marley Conceição; BARRETO JÚNIOR, Manoel; SOUZA, Marcos Aurélio dos Santos; FONSECA, Chirley Aragão de Azevedo; SOUZA, Marivalda Guimarães. Valdelice Pinheiro: uma poesia universal *V Seminário de Pesquisa da UESC*. Resumos – Ilhéus:UESC, 1998.

1999

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. A Comunicabilidade do texto literário: por uma edição da poesia de Valdelice Pinheiro. *XIV Encontro Nacional da ANPOLL*. Belo Horizonte: UFMG/PUC-Minas. 1999. (Disponibilizado na homepage da ANPOLL). Reapresentado no *VI Seminário de Pesquisa da UESC*. Ilhéus: UESC, 1999.

SOUZA, Marivalda Guimarães; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto (ori). Expressão Poética de Valdelice Pinheiro, *V Seminário Anual de Iniciação Científica da UESC* – Resumos. Ilhéus: UESC, 1999. Reapresentado na 52^a SBPC. 7^a Jornada de Iniciação Científica. Brasília, 9 a 14/07/2000. Painel.

SOUZA, Marivalda Guimarães; e SIMÕES, Maria de Lourdes Netto (ori) A Expressão Poética de Valdelice Pinheiro em Resgate. Simplicidade: Liberdade de Ser. *VIII Seminário Nacional: Mulher e Literatura*. Instituto de Letras e Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher – Resumos. Salvador: UFBA. Texto integral no prelo.

2000

SOUZA, Marivalda Guimarães; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto (ori). Edição e Resgate de Inéditos Poéticos de Valdelice Pinheiro, *V Congresso de Estudos Lingüísticos e Literários: Travessias Literárias: rotas, imagens e profecias* – Resumos.

Feira de Santana: UEFS, 2000. Texto integral no prelo.

SOUSA, Marivalda Guimarães e SIMÕES, Maria de Lourdes Netto (ori). Edição de Inéditos de Valdelice Pinheiro, *VI Seminário de Iniciação Científica da UESC - Resumos*. Ilhéus UESC, 2000.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Trad.: Ivo Barroso. São Paulo: Schwarcz, 1991.

DUARTE, Luiz Fagundes. *A fábrica dos textos*. Lisboa: Cosmos, 1993.

_____. Prática de edição: “onde está o autor?”. In: Willerman, P. (org). *Gênese e Memória – Anais do IV Encontro Internacional de Pesquisadores de Manuscritos e de Edições*. São Paulo: ANNABLUME, 1995.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. A mídia literatura. In: *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. O campo não-hermenêutico ou a materialidade da comunicação. In: ROCHA, J.C.C. (org). *Corpo e Forma*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998

_____. Sobre os interesses cognitivos, terminologia básica e métodos de uma Ciência da Literatura fundada na Teoria da Ação. In: Lima, Luiz Costa (ed) *A Literatura e o leitor. Textos de Estética da recepção*. Trad.: Heidrun Krieger e Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAMESON, Fredric. *As sementes do tempo*. Trad.: José Rubens Siqueira. São Paulo: Ática, 1997.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna - intelectuais, arte e vídeo - cultura na Argentina*. Trad.: Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1997.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. *As Razões do Imaginário*. Salvador: FCJA; Ilhéus: Editus, 1999.

TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. Trad.: Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.



IMPrensa UNIVERSITÁRIA

COORDENAÇÃO GRÁFICA: Luiz Henrique Farias

DESIGNER GRÁFICO: Cristovaldo C. da Silva

IMPRESSÃO: Davi Macêdo e André Andrade

FOTOMECÂNICA: Antônio Vitor

ACABAMENTO: Nivaldo Lisboa

SECRETÁRIO: Adilson Arouca

IMPRESSO NA GRÁFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - ILHÉUS-BA